

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

O PASSADO E O FUTURO NO PRESENTE
Um estudo de caso em uma comunidade do Santo
Daime

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

MARIA FERNANDA NORONHA SERPA

MARIANA-MG

1995

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar algumas palavras de agradecimento à algumas pessoas e instituição sem as quais este trabalho não poderia realizar-se. Desejaria, portanto, expressar minha gratidão a algumas delas em especial.

Ao professor Marco Aurélio, por sua atenção críticas e sugestões na orientação desta investigação. Sua compreensão, amizade, paciência e respeito pelas minhas idéias e por apontar as suas que enriqueceram este trabalho, aspectos sempre presentes em nossos encontros marcarão, por certo, minha futura atuação no mundo do pensamento e ação no campo científico.

Ao professor Crisoston Terto Vilas Boas, que sempre me incentivou e que pacientemente fez algumas leituras e acompanhamento da pesquisa, oferecendo-me sugestões de ideias e bibliografias que muito contribuíram para o aprimoramento do estudo.

Ao professor Ronald Polito, que me apresentou o mundo da pesquisa científica, incentivando-me no desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores Celso Taveira e Ivan A. de Almeida que me auxiliaram em alguns momentos da pesquisa.

À Graça, secretária do Departamento de História, pela atenção e carinho, auxiliando-me sempre que necessário.

Aos professores e funcionários do Instituto de Ciências Humanas e Sociais - ICHS, que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao Guilherme de Mello e demais membros da Comunidade do Matutu pela oportunidade desenvolver meu trabalho de campo e em especial, à Nina, Solange e Ruan, pelo carinho com que me receberam.

Às minhas queridas irmãs Dora e oya cientemente me auxiliaram nesta

fase final da pesquisa.

À meus amigos, de Mariana e Ouro Preto, que sempre me incentivaram e acreditaram em meu trabalho.

À meus pais, irmãos e amigos, de Paraisópolis, que com carinho esperaram pela realização e término da pesquisa.

À Universidade Federal de Ouro Preto, pela bolsa concedida.

**" Não seles as palavras da profecia
deste livro,
porque o tempo está próximo.
Aquele que prejudica, prejudique;
ainda aquele que é impuro, continue
na impureza;
aquele que é justo justifique-se mais ;
aquele que é santo,
santifique-se mais."**

Apocalipse [22, 10-11]

RESUMO

Ao fim de cada ano é fatal que as pessoas olhem para o "tempo" observando e avaliando o ano que passou, como também planejando e "imaginando" o próximo ano com suas transformações. Assim também acontece ao fim de cada século, porém, com um pouco mais de expectativas e esperanças de mudanças.

O final do século em que vivemos vem reforçar essas atitudes, sobretudo, para alguns grupos sociais que, conforme se pode observar na sociedade, parecem se unir em torno da promessa de um tempo escatológico-apocalíptico, que consiste na crença no final dos tempos após mil anos da segunda vinda de Cristo, que seria o dia do juízo final, conforme pregam algumas religiões.

Existe e fato, uma concepção de tempo que norteia a vida de alguns indivíduos, preparando-os para o final do milênio? Responder a esse questionamento, buscando a compreensão mais profunda dessa possível concepção de tempo, comparada às formuladas ao longo da história, é o objetivo maior deste estudo.

Para empreendê-lo realizamos um trabalho de campo na comunidade do Matutu, localizada em Aiuruoca,

MG, doutrinação do Santo Daime. Para a análise das informações colhidas nesse contexto/o trabalho compreende um marco teórico que se constitui de uma breve abordagem das concepções de tempo formuladas ao longo da história e análise das mesmas conforme, principalmente, as classificações propostas por Le Goff (1984a,b) e Ricoeur(1978) que sugere categorizar o tempo nas perspectivas objetivista e subjetivista.

A análise realizada vem confirmar nossa hipótese da existência de uma concepção de tempo escatológico, mítico que ora se apresenta sob a perspectiva objetivista e ora subjetivista. De um modo geral/a análise dos dados e o estudo comparativo entre a concepção identificada com as demais, realizadas ao longo da história, nos levou a pressupor a presença de um **Passado e Futuro no Presente.**

SUMARIO

I – INTRODUÇÃO	9
II - CAPITULO 1:	
ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS DA PESQUISA	11
1.1- OBJETO E FONTES DA PESQUISA	11
1.2- MÉTODOS E TÉCNICAS DA PESQUISA	12
1.3- FUNDAMENTOS TEÓRICOS	14
III - CAPITULO 2 :	18
O TEMPO NA HISTÓRIA	
2.1 - Considerações Preliminares	18
2.2.- Algumas concepções de tempo	22
A - O tempo no Egito Antigo, Babilônia e Irã	22
B – O tempo na Antiguidade Clássica	28
C – O tempo na Idade Média	36
D – O tempo na Idade Moderna	40
E – O tempo na Idade Contemporânea	44
IV CAPÍTULO III	
APRESENTAÇÃO DO TEMPO NO PRESENTE	47
3.1 Considerações preliminares	47

3.2 O Santo Daime e o Tempo Presente	51
3.3 O Passado Presente na Comunidade de Matutu	59
3.4 A Concepção do Tempo para o Santo Daime	64
V - CONCLUSÃO:	
"O PASSADO E O FUTURO NO PRESENTE"	71
VI- ANEXOS	
1- Hinos	82
2- A Festa de São João na Comunidade do Matutu	87
VII – BIBLIOGRAFIA	97

I – INTRODUÇÃO

A época em que vivemos, um fim de século coincidindo com um fim de milênio, representa para alguns grupos sociais um misto de terror, êxtase e esperança. Neste contexto, atualmente, pode se perceber em alguns grupos de indivíduos a insatisfação com os padrões e estilos de vida estabelecidos. Foi a observação desta insatisfação no espaço universitário, o abandono da academia, da ciência, pelos caminhos alternativos espirituais por alguns estudantes, que motivou o desenvolvimento desta pesquisa, que busca a compreensão deste fato.

Tendo em vista que estes novos caminhos espirituais são geralmente ferecidos visando proporcionar o "conforto espiritual" ao homem insatisfeito com o mundo material, como também preparando o indivíduo para um tempo escatológico¹ conforme pode-se observar nos relatos destes grupos, considerou-se pertinente desenvolver um trabalho que permitisse uma melhor compreensão desta concepção de tempo para a História desse final de milênio. Nesta perspectiva, procurou-se contextualizar os caminhos do conhecimento em relação às concepções do Tempo no decorrer da história, considerando-se, neste sentido, fundamental um embasamento teórico e bibliográfico voltado para as interpretações dos Historiadores como Le Goff (1984 a, b, c), Mora(1992), Reis (1994 a. b) ,Ricouer 1978), Whitrow (1993), entre outros.

De acordo com uma das propostas da Nova História, o estudo um destes grupos sociais alternativos, a fonte de estudo para se constatar a hipótese

¹ O termo "escatologia" designa a doutrina dos fins últimos, isto é, o corpo de crenças relativas ao destino final do homem e do universo. LE GOFF, Jacques" Escatologia". In Enciclopédia Einaudi,1987, p425.

de se ter um "passado como modelo do presente, que insinua mudanças e inovações", como também, identificando neste grupo, que "as pessoas se orientam por um peso do passado no presente visando um futuro escatológico" o que vem corroborar o pensamento de Hobsbawn e Le Goff (1984 b, p 299), ao analisarem a relação das categorias do tempo na história.

O grupo escolhido para se desenvolver a pesquisa, foi a Comunidade do Matutu, doutrinária do Santo Daime, que mantém um constante contato com o espaço universitário e artístico, como também um ecletismo sócio-económico, observado pela formação de seus membros, mostrando-se assim, um dos grupos mais significativos para um estudo neste final do século XX no Brasil.

Neste contexto o trabalho foi assim estruturado :

No primeiro capítulo encontra-se uma apresentação do Objeto e Fontes de Pesquisa e dos Métodos e Técnicas da Pesquisa;

Após esta explanação, encontra-se no segundo capítulo, uma pequena abordagem sobre o Tempo e suas concepções, abrindo caminho para uma apresentação, no terceiro capítulo, sobre o significado do tempo no presente através do estudo na Comunidade do Matutu.

Por fim, chega-se ao final desse estudo, demonstrando-se através de uma análise comparativa entre as concepções do tempo e o tempo para o Santo Daime, a uma conclusão em que se supõe ***O Passado e o Futuro no Presente*** ou em uma concepção do tempo atual.

CAPITULO 1:

- Aspectos teóricos e Metodológicos da Pesquisa

1.1 - O OBJETO E AS FONTES DE PESQUISA

O estudo tem como principal objeto de análise a representação da concepção do Tempo na comunidade do Santo Daime.

Para empreender este estudo, uma revisão bibliográfica sobre as concepções do tempo na história constitui uma das fontes da pesquisa, que pode ser considerada como o embasamento teórico do mesmo.

Essa revisão bibliográfica apresenta algumas concepções de tempo filosóficas e teológicas formuladas ao longo da história, sobretudo através das idéias apresentadas por historiadores como Le Goff (1984 a b c), Mora (1992); Novaes (1992); Peschanski (1992) ; Reis (1994a b); Ricoeur (1978); Santos (1992); Schwartz (1992), Whitrow (1993) entre outros.

As fontes fundamentais para a compreensão deste tempo na doutrina, encontram-se nos Hinos² , nas obras de Cunha (1986) e Alverga (1992) e nas próprias opiniões manifestadas por membros da doutrina.

1.2 - OS MÉTODOS E AS TÉCNICAS DE TRABALHO

O trabalho foi elaborado a partir de um levantamento bibliográfico e consecutivas leituras fichamentos a respeito de temas como

² Os hinos são cânticos usados nos rituais, considerados como o corpo material de ensinamentos da doutrina, produzidos por seus membros.

filosofia, antropologia, sociologia, tempo, religião, educação, metodologia de pesquisa histórica, que permitiram, de um modo geral, o desenvolvimento do estudo.

Após várias leituras, foi feita uma seleção de algumas referências bibliográficas específicas e a delimitação do objeto e fontes de pesquisa, iniciando-se o processo de elaboração das interpretações mais teóricas e estruturação do trabalho de campo.

Os "textos" foram produzidos gradualmente e conseqüentemente avaliados e corrigidos pelo orientador.

A pesquisa de campo foi desenvolvida através de observações, apresentação de questionários, entrevistas previamente semi- estruturadas, bem como através da participação nos rituais e práticas do cotidiano comunitário. Essa maneira de conduzir a pesquisa reflete a preocupação com um trabalho de tendência etnográfica e de caráter mais qualitativo no tratamento das informações.

Foram feitas algumas visitas à uma comuna do Santo Daime, denominada como Comuna do Matutu, em Aiuruoca, MG. O trabalho de campo consistiu na participação dos rituais³, recolha de dados através de entrevistas informais com os membros, participação nas práticas comunitárias, como o trabalho na cozinha e na oficina.

O estudo, porém, não se limitou ao trabalho de campo, sendo que a parte mais complexa, trabalhada posteriormente através do método histórico

³ Há vários tipos de rituais. Um deles é denominado de Orações, todas as quartas-feira e domingos, às 18:00hs, em que somente se faz algumas orações , acompanhadas do canto de alguns hinos com seus bailados. Outro ritual é denominado de "Concentração", feito durante o segundo dia da lua nova, geralmente destinado aos iniciantes na doutrina, em que o daime é servido , feito algumas orações acompanhadas do cântico dos hinos com bailados , durando apenas umas quatro horas. Há também os "Trabalhos", que são rituais que duram 12 horas, geralmente a noite, em que o daime é servido varias vezes/, acompanhado de orações e cântico dos hinários com bailados, quase ininterruptos.

comparativo em que se buscou fazer uma analogia das concepções do tempo ao longo da história, apresentadas como o embasamento teórico do trabalho, com os dados alcançados na pesquisa de campo. Assim, seguindo esta metodologia de trabalho, a pesquisa se desenvolveu.

1.3 - FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Os estudos sobre a maneira como o tempo vem sendo concebido ao longo da história têm sido abordado sob diferentes enfoques. Ricoeur(1978), por exemplo,

formula uma classificação para a análise desses discursos sobre o tempo que nos parece pertinente mencionar e empregá-la em nosso estudo. O referido autor classifica os discursos sobre o tempo em duas grandes tendências: o *discurso analítico*, que tende a reduzir o discurso sobre o tempo a um mínimo conceitual e o *discurso meditativo*, que procura elevar nossa experiência do tempo a um máximo espiritual, dedicando-se assim, na estrutura profunda do tempo com vistas à intensidade espiritual. Estas duas formas de discursos para Ricoeur não são contraditórios, pois acabam se encontrando nas conclusões. O que se observa também, como analisa Reis(1994 b), é que estes 'dizeres sobre o tempo', embora não sejam unânimes, possuem um vocabulário comum. É o que se nota, por exemplo, em expressões como *antes, depois, durante, presente, passado, futuro, instante, agora, ontem, hoje, devir, duração, repetição, evento, sucessão, simultaneidade, eternidade, consciência, natureza*- ""expressões que querem significar relações" ou "atribuições temporais " isto é relações de anterioridade posterioridade e simultaneidade ou a sucessão de eventos passados, presentes e futuros" (p. 13).

As "relações e atributos temporais", conforme aclara Ricoeur (1978), "constituem o esqueleto inteligível do nosso discurso sobre o tempo" (p. 12). Para Ricoeur, segundo Reis(1994), o conceito de 'relações temporais' considerado mais formal, que aborda o tempo através de noções como anterioridade, posterioridade e simultaneidade, é a base do discurso "analítico" ou "prudente" - este último termo foi empregado por Honderich citado por Ricoeur-; e o conceito de "atribuições temporais" considerado material é o centro do discurso "meditativo" ou "afirmativo"- este último termo empregado por Honderich (citado por Ricoeur) - sobre o tempo que trata de mudanças

concretas em direção ao futuro passando pelo presente/(p.14)

Um outro ponto comum entre os diversos discursos sobre tempo, conforme bem lembra Reis (1994 b), é a problemática que envolve a discussão se é o tempo objetivo ou subjetivo, único ou plural, com direção ou não, puro devir ou eternidade, reversível ou irreversível, contínuo ou descontínuo.

A observação desses pontos comuns nos discursos sobre o tempo, não obstante a complexidade que os envolve, permitiram uma abordagem racional do tempo e de seu ser e um diálogo intersubjetivo na reflexão sobre esta questão, uma vez que estes discursos se inter cruzavam. Nesta perspectiva, se pode considerar duas grandes direções ou tendências de discursos sobre o tempo que, embora divergentes, possibilitam um certo consenso e comunicação considerando a inteligibilidade do vocabulário e da problemática e a adesão à alguns princípios básicos. Uma tendência é a "objetivista" , "naturalista", do tempo cosmológico e físico. O "movimento" é o seu conceito chave. A outra é a tendência "subjetivista", "espiritual" do tempo da consciência. A "mudança" é o seu conceito chave., Mora, 1992; Reis, 1994 b, 1994 b ; Ricoeur 1978).

Um outro enfoque importante no estudo sobre as concepções do tempo ao longo da história é apresentado por Le Goff e Hobsbawm(Le Goff, 1984 b), que abordam o tempo a partir da relação entre o passado, o presente e futuro. Le Goff, por exemplo, no verbete Passado/Presente da Enciclopédia Einaudi (1984), adverte para o fato de que a definição do presente., é um passado que, no plano do imaginário coletivo, pode ser um enorme fardo ou uma grande ausência. Em seu estudo destacam-se ainda abordagens a cerca das Idades Míticas e da Escatologia ao longo da história, aspectos que

mais adiante retomaremos para a análise das concepções de tempo que serão apresentadas.

Sob a mesma perspectiva, relacionando passado, presente e futuro, Hobsbawn (Le Goff, 1984b c) levanta "o problema da função social do passado, entendendo por passado o período anterior aos acontecimentos de que um indivíduo se lembra diretamente. A maioria da sociedade, enfatiza Hobsbawn, considera o passado como modelo do presente. No entanto, nessa devoção pelo passado há fendas através das quais se insinuam a inovação e a mudança.

Le Goff (1984a b) apresenta ainda um novo enfoque para a análise do tempo através da teoria das Idades Míticas e da Escatologia. A descrição e a teoria de um tempo mítico e escatológico pode ser abordada através do estudo dos mitos, dos textos religiosos e filosóficos, como também através de textos literários, como o autor assinala.

O estudo do tempo mítico ou "Idades Míticas" constitui uma abordagem peculiar, mas privilegiada das concepções do tempo, da história e das sociedades ideais. Neste contexto, Le Goff (1984 b, p.311) assinala que "para dominar o tempo e a história e satisfazer as próprias aspirações de felicidade e justiça ou os temores face ao desenrolar ilusório ou inquietante dos acontecimentos, as sociedades humanas imaginaram a existência, no passado e no futuro, de épocas excepcionalmente felizes ou catastróficas e, por vezes, inseriram essas épocas originais ou derradeiras numa série de idades segundo uma certa ordem".

A maioria das religiões possuem a idéia de um tempo mítico feliz, perfeito, no princípio do universo. Uma época primitiva, imaginada como uma

idade do ouro. Algumas religiões também perspectivam outro tempo feliz ou catastrófico no final dos tempos, concebendo o tempo como eternidade ou como a derradeira época, antes do final dos tempos. Em certos casos, estas "idades do ouro inicial ou final" estão ligadas por uma série de períodos, podendo também interpretar a idade final, como repetição da inicial, como nas religiões do eterno retorno que fazem passar o mundo e a humanidade por séries de ciclos, eternamente repetidos (Le Goff, 1984 b).

Essas concepções de tempo mítico e escatológico, como bem lembra Le Goff (1984 b), podem ser observadas em quase todas as civilizações ao longo da história.

Fundamentados nessas análises a respeito das concepções do tempo, apresentaremos a seguir algumas destas concepções identificadas ao longo da história, que complementam o marco teórico desse estudo.

III - CAPITULO 2 : O TEMPO NA HISTORIA

2.1 - Considerações Preliminares

De um modo geral, todos nós parecemos habituados às idéias de tempo, história e evolução, e tendemos a esquecer a importância que estes conceitos têm em nossa maneira de pensar, viver e agir. No entanto, sabemos que grande parte do conhecimento do universo foi acompanhado por uma maior valorização das distinções entre passado, presente e futuro, à medida que as pessoas foram aprendendo a transcender as limitações do "eterno presente".

Embora, de um modo geral, o sentido do tempo se baseie em fatores psicológicos e processos fisiológicos, que estão abaixo do nível da consciência, a verdade é que ele também depende de influências sociais e culturais. Nesse sentido, há uma relação recíproca entre tempo e história, pois assim como a idéia de história é baseada na de tempo, assim também o tempo, tal como o concebemos, é uma consequência de nossa história. Tempo e história estão, portanto, intrinsecamente ligados, sendo praticamente impossível falarmos do tempo sem lembrarmos da história, a qual também perde seu sentido quando desvinculada do tempo. Diante dessas considerações, questionamos: como o tempo foi concebido ao longo da história e como essas concepções se manifestam em nossos dias?

A tentativa de responder a estas questões é o objetivo maior deste capítulo, que servirá de marco teórico para a identificação e análise da concepção de tempo, nessa virada de milênio, especificamente no contexto da comunidade do Matutu, doutrinação do Santo Daime, que

constitui a fonte para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Entretanto, antes de abordarmos esta questão específica, nos parece pertinente observar que, conforme mostra a literatura a respeito⁴, as concepções ou definições do tempo ao longo da história se revestem de uma certa complexidade que não nos permite uma análise mais profunda desta questão.

A propósito, lembramos algumas palavras de Santo Agostinho, que manifestam a sua perplexidade ao referir-se a concepção de tempo: "o tempo é um foi que já não é. É um agora, que não é; O agora não se pode deter, pois se isso ocorresse não seria tempo. É um será que ainda não é. O tempo não tem dimensão; quando vamos apressá-lo se desvanesce. E, entretanto, eu sei o que é o tempo, mas só sei quando não tenho que defini-lo: quando não me perguntam, sei; quando me perguntam, não sei defini-lo" (Santo Agostinho citado por Mora, 1992, p. 723).

Reis (1994b) menciona também esta complexidade em emitir um "conceito de tempo". Nesse contexto, expressa : "(...) não se pode falar de um conceito de tempo, mas de concepções do tempo. (...) nenhuma noção ou definição de tempo recebeu uma aprovação unânime, embora todas elas tenham contribuído para a construção de uma idéia, a mais informativa , sobre um possível conceito de tempo" (p. 13).

Diante destas considerações não é nossa pretensão aprofundar na análise das concepções de tempo, mas limitaremos nosso estudo à

⁴ Veja por exemplo as obras de José Carlos Reis. *Nouvelle Histoire e Tempo Histórico*, 1994, *Tempo História e Evasão*, 1994; José Ferrater Mora, *Diccionario de Filosofia de Bolsillo*.1992 ; Miguel Abensur e outros, *Tempo e História*, 1992.
apresentação de algumas delas.

Com base nessas considerações, acreditamos que para melhor

compreensão das concepções de tempo nas mais diversas civilizações é imprescindível recorrermos à história e examinar a concepção e o papel do tempo ou, em outras palavras colocar o próprio tempo na perspectiva temporal.

Sob esta perspectiva, observamos na literatura a respeito que a concepção do tempo sempre foi objeto de reflexão por parte de muitos filósofos e historiadores.

Perseguindo, por exemplo, a história das antigas civilizações, desde o Egito Antigo, passando pela Babilônia, Irã Antigo, como nos mostra Whitrow (1993) e Le Goff (1984) podemos identificá-la.

Da mesma forma, na história das civilizações que compreendem a Antiguidade Clássica - Grécia clássica, civilização helenística, Israel antigo e Roma imperial e o Cristianismo primitivo - vamos encontrar nos pensamentos de filósofos como Heráclito, Parmênides, Platão, Aristóteles, Plotino e Santo Agostinho, entre outros, um discurso sobre o tempo.

Na continuidade da história, mais precisamente na Idade Média, a concepção de tempo é fortemente influenciada pelos pensamentos de Santo Agostinho, que se manifestam principalmente nos escritos de Isidoro de Sevilha, Beda e Gregório Magno. Ainda na Idade Média se destaca a concepção de um tempo milenarista através da difusão das idéias de Joaquim de Fiore e São Tomás de Aquino, entre outros.

O período Renascentista, que vai dar origem à Idade Moderna, apresenta sua concepção de tempo sob perspectivas contraditórias que mais adiante serão esclarecidas.

A Idade Moderna, que compreende desde os meados do século XV até

fins do século XVIII, foi importante na história do tempo, sobretudo, porque o espírito de otimismo intelectual que caracterizou "o século das luzes" fundamentava-se numa atitude prospectiva com relação ao tempo. Leibniz pode ser considerado um dos grandes representantes dessa perspectiva, pois sustentava que este mundo, referindo-se à essa época, "é o melhor dos mundos possíveis" Para ilustrar as concepções de tempo características da Idade Moderna, mencionaremos os pensamentos de Newton, Kant e Hegel.

A reflexão sobre as concepções de tempo continuam ao longo do século XIX e XX - Idade Contemporânea- onde podemos destacar os pensamentos de Husserl, Bergson, Heidegger e Einstein, entre outros.

Para uma melhor compreensão dessas concepções veremos a seguir algumas delas mais detalhadamente.

2.2-ALGUMAS CONCEPÇÕES DE TEMPO NA HISTORIA

A - O tempo no Egito Antigo, Babilônia e Irã Antigo

Nas civilizações mais antigas, a concepção do tempo está estritamente ligada aos eventos sociais e naturais. No Egito Antigo, por exemplo, onde tudo dependia do Nilo, a coroação de um novo faraó era adiada em função do ciclo da natureza. Assim, a cerimônia era marcada de modo a coincidir com a cheia do rio, no início do verão, ou com a baixa das águas, no outono, quando os campos estavam prontos para a semeadura. O ritual estava estreitamente associado à história de Osíris, o protótipo divino dos faraós. O mito de Osíris corporificava o ciclo de nascimento, morte e renascimento do Nilo e encerrava uma promessa de imortalidade. Conforme Brandon (mencionado por Whitrow, 1993) a grande popularidade ao culto a Osíris significava, de fato, a adoção pelos egípcios de um conceito definido de tempo, embora isso não fosse claramente reconhecido. Esse fato se explica pela crença dos egípcios de que Osíris tinha realmente vivido em sua terra, muito tempo antes. Assim o culto a esse deus significava que um evento histórico particular, no caso a morte e ressurreição do deus, podia ser perpetuamente repetido por meio de simulação mágica, de tal modo que seus supostos efeitos benéficos pudessem se exercer sobre aqueles em cuja intenção os ritos eram realizados. Brandon identifica esse culto como "ritual de perpetuação do passado". A análise de Whitrow(1993), no entanto, observa que o culto a Osíris estava relacionado apenas à imortalidade pessoal, não gerando qualquer interesse no passado. Ao contrário, observa Whitrow, quando os egípcios tentavam recriar, em ocasiões específicas,

eventos particulares associados a Osíris, seus pensamentos se concentravam mais no presente que no passado. Nesse sentido, o autor destaca que os egípcios concebiam o tempo como uma sucessão de fases recorrentes e tinham muito pouco sentido de história, e mesmo de passado e futuro. Pois, embora houvesse um passado absoluto, este era normativo e não era visto como um retrocesso.

Não obstante as controvérsias sob as concepções de tempo no Egito Antigo, não se pode negar que eles deram uma importante contribuição à ciência do tempo, enquanto criadores do que Otto Neugebauer (citado por Whitrow, 1993) qualificou de o único calendário inteligente que jamais existiu na história humana. Trata-se do calendário que compreende o ano civil composto de doze meses, cada um com trinta dias, com cinco dias adicionais no final de cada ano, perfazendo um total de trezentos e sessenta e cinco dias.

Parece pertinente ainda observar nesse contexto que os egípcios tinham também um calendário lunar para regular os dias festivos pelas fases da lua e que a observação do sol era também para eles um recurso útil para determinar os momentos do dia. Isto explica o fato de que o mais antigo relógio solar conhecido foi encontrado ali (Whitrow, 1993).

Um outro aspecto importante relacionado com a concepção do tempo no Egito Antigo, como bem lembra Le Goff (1984 b), refere-se ao mito original da Idade do Ouro ligado a um paraíso e uma doutrina das idades do mundo ligada, muitas vezes, a uma concepção do tempo cíclico ou do eterno retorno. É pertinente esclarecer, segundo MacCaffre, Hackel (citados por Le Goff 1984 b) que a Idade do Ouro, para as antigas civilizações, tal como no Egito Antigo,

existe no princípio de um ciclo de idades e é frequentemente considerada a época do Deus-Sol. O Paraíso da Idade do Ouro, tanto se situa na terra como no céu; existe também uma concepção de mundo que une a terra e o céu. Embora no Egito Antigo raramente se tenha efetuado uma unificação dos diferentes mitos e ritos de suas populações primitivas, não havendo pois um único relato oficial da "Primeira Vez" do mundo (Naissance, citado por Le Goff, 1984 b), vários textos evocam uma Idade do Ouro como algo anterior à própria criação do mundo, fora da gênese.

Os textos das Pirâmides, oriundos de Heliópolis, a cidade do sol, onde foi usado um dos sistemas cosmogônicos mais difundidos do Egito Antigo, falam de um tempo anterior ao demiurgo em que “ ainda não havia morte nem desordem” (Nassance, citado por Le Goff, 1984 b).

Le Goff (1984 a) refere-se ainda à possível existência de um tempo escatológicos⁵ na religião do Egito Antigo, onde a tônica dessa escatologia recai sobre o julgamento do indivíduo.

Sobre a concepção do tempo para os babilônios nos parece importante mencionar suas preocupações com o estudo dos astros, conforme menciona Whitrow (1993). Os babilônios tinham uma especial dedicação ao estudo dos céus não só em busca de presságios mas também com interesse no calendário. Nessa perspectiva, os babilônios tendiam a adotar uma visão cíclica do tempo, de acordo com a periodicidade do movimento do sol, da lua e dos planetas. Os astrônomos babilônios do século IV a.C. , por exemplo, estudaram os movimentos do sol e dos planetas com grande engenhosidade

⁵O termo "escatologia" designa a doutrina dos fins últimos, isto é, o corpo de crenças relativas ao destino final do homem e do universo. LE GOFF, Jacques" Escatologia". In Enciclopédia Einaudi.1984. p425.

matemática, mas as investigações mais detalhadas referiam-se a lua. Na verdade, a base do calendário babilônio parece ter sido sempre lunar. Nesse

sentido, os babilônios prestavam especial atenção aos períodos de sete dias, associados às sucessivas fases da lua, cada um dos quais terminava com um "dia maligno". Neles, tabus específicos, eram impostos para aplacar e reconciliar os deuses. Essas normas proibitivas eram similares às observadas por muitos outros povos em diferentes partes do mundo nos momentos em que a lua mudava de aspecto, mas os babilônios influenciaram os Judeus, que por sua vez, influenciaram os primeiros cristãos e, por fim, a nós mesmos. É, portanto, entre os babilônios que deve ser buscada a origem de nossa semana de sete dias e as tradicionais restrições impostas às atividades dominicais (Whitrow,1993).

Um outro aspecto importante relacionado com a concepção do tempo cíclico, entre os babilônios, se refere ao mito da Idade do Ouro, tal como existia no Egito Antigo. A presença desse mito se evidencia, principalmente, no mais importante ritual na Mesopotâmia, o festival do Ano-Novo, que é celebrado todos os anos na primavera, em que a epopéia da criação do mundo, pelo herói Marduck-chamado "Sol dos céus"-, simboliza o triunfo das forças da renovação primaveril. O festival do Ano-Novo era importante não como registro do passado, mas como meio de assegurar a supremacia teológico-política de Marduck no presente (Le Goff, 1984 b; Whitrow,1993).

Um outro aspecto importante relacionado com a concepção do tempo cíclico, entre os babilônios, se refere ao mito da Idade do Ouro, tal como existia no Egito Antigo. A presença desse mito se evidencia, principalmente, no mais importante ritual na Mesopotâmia, o festival do Ano-Novo, que é celebrado todos os anos na primavera, em que a epopéia da criação do mundo, pelo herói Marduck-chamado "Sol dos céus"-, simboliza o triunfo das forças da renovação primaveril. O festival do Ano-Novo era importante não como registro do

passado, mas como meio de assegurar a supremacia teológico-política de Marduck no presente (Le Goff, 1984 b; Whitrow,1993).

No Irã Antigo assim como no Egito Antigo e Babilônia há também indícios de uma concepção de tempo relacionada a uma Idade do Ouro e a uma perspectiva escatológica. Isso se manifesta claramente, como mostram Le Goff (1984 a, b) e Whitrow (1993), nos ensinamentos de Zaratustra, o fundador de uma das grandes religiões da humanidade, o Zoroatrismo. Nesta religião, como esclarece Whitrow (1993), em função de uma tendência dualista se reconhece dois aspectos do tempo. O primeiro se refere ao tempo indivisível, que é eterno "agora", que representava o aspecto criativo do tempo e por isso o progenitor dos espíritos do bem e do mal. Este tempo infinito era chamado Zurvan arakana. O segundo aspecto se refere ao tempo do longo domínio ou o tempo finito denominado Zurvan daregho-chvadhata. Este era o tempo que trazia a decadência e a morte e dominava o mundo do homem e era representado pelo firmamento celeste. O tempo finito, como ainda acrescenta Whitrow (1993), parece ter existido unicamente para ocasionar o conflito entre o bem e o mal que redundou no triunfo do primeiro. Naissance(citado por Le Goff, 1984 b, p.314) ao refirir a essa idéia de tempo observa que no Zoroatrismo a 'idéia do tempo limitado domina tudo'.

Das concepções de tempo, até o momento apresentadas, em algumas civilizações antigas parece possível concluir que, tendo em vista que a medida do tempo estava estritamente relacionada com o movimento do universo, com a articulação da esfera celeste que define dias e noites, meses e anos enfim, as divisões do tempo, tais concepções respondem a perspectiva objetivista da classificação proposta por Ricoeur,

anteriormente mencionada. Além disso, parece também claro que nessas civilizações havia uma concepção de tempo mítico e escatológico, tal como sugere Le Goff (1984 a , b).

B - O TEMPO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Na Grécia Antiga, diferentes pensadores tinham concepções diversas

sobre a natureza e o significado do modo temporal de existência. O tempo para os gregos em geral não era um deus como era para os persas, só passou a sê-lo nos tempos helenísticos, quando foi adorado sob o nome de "Aion" , mas este era um tempo sagrado, eterno, muito diverso do tempo comum "Chronos".

No nascimento da literatura grega, duas visões contrastantes podem ser encontradas em Homero e Hesíodo. Na Iliada, a teologia olímpica e a moralidade enfatizam conceitos de caráter mais espacial que temporal. Homero não estava interessado na origem das coisas e não tinha qualquer cosmogonia além da idéia de que a água é a origem de tudo (Whitrow, 1993). Já Hesíodo, diferentemente de Homero em seu poema " Os trabalhos e os dias" faz um relato do declínio do homem de uma Idade do ouro. Este seu poema baseava-se implicitamente no conceito de tempo embora a palavra "tempo" nunca apareça nele. Seu principal propósito era dar conselhos com relação à regulação das atividades do ano, mencionando que haviam dias específicos de bom ou mal agouro, próprios ou impróprios para diferentes atividades. Em resumo, o tempo para Hesíodo era concebido como aspecto da ordenação moral do universo.

Em essa mesma obra constatou-se que Hesíodo misturava dois temas já existentes : o mito das quatro idades com nomes de metais, por ordem decrescente de excelência-ouro, prata, bronze e ferro - e, a lenda de uma Idade dos Heróis, compreendida entre a terceira e quarta idades. Esse texto foi de grande importância e deu, senão o tema, pelo menos o nome a idade primitiva de felicidade. Da raça evocada por Hesíodo, os nostálgicos da era paradisíaca fizeram uma Idade do Ouro.

Mais aproximadamente no século IV a.C, os primeiros filósofos gregos especularam sobre a origem sem invocar a mitologia. Viam o mundo

baseado em uma única substância viva, que ocupava todo o espaço, a partir da qual, todas as coisas se teriam desenvolvido espontaneamente, pela interrelação de processos opostos. Os pensamentos de Heráclito são um exemplo dessa concepção. Segundo ele, a mudança perpétua era a lei fundamental que governava todas as coisas. Aliado a isso acreditava também que há uma luta perpétua de opostos que se complementam e o conflito entre eles é o próprio fundamento da existência. Esse mundo de mudanças e conflitos não é, entretanto, mero caos, sendo governado ao longo do tempo por um princípio de equilíbrio dos opostos, que os mantém em seus devidos limites. Esse princípio tinha por fundamento uma idéia de tempo - a concepção do tempo como um juiz - que foi aceita por outros pensadores gregos da época (Cordon & Martines, 1992; Whitrow, 1993).

Nos pensamentos de Parmênides, um dos mais perspicazes pensadores gregos, encontramos também uma reflexão sobre o tempo. Este pensador, pai da argumentação lógica, afirmava que o conceito de tempo era dificilmente conciliado com a idéia de racionalidade e nesse sentido afirmava que o tempo não pode pertencer a nada que seja verdadeiramente real. A essência do problema do tempo era a seu modo de ver, que tempo e mudança implicam que uma mesma coisa pode ter propriedades contraditórias. Assim, digamos, uma coisa poder ser quente e fria dependendo do tempo. Nessa perspectiva afirmava que, uma vez que somente o presente "é", daí decorre que o passado e o futuro são carentes de significado. Em outras palavras, para Parmênides, o único tempo é um tempo presente contínuo, e o que existe é não criado e também imperecível. Nesse sentido, ele propõe uma distinção básica entre o mundo da aparência, caracterizado pelo tempo e a mudança, e o

mundo da realidade imutável e atemporal. O mundo da aparência é revelado por nossos sentidos, mas estes são enganosos. E o mundo da realidade nos é revelado pela razão, considerado pois como o único modo verdadeiro de existência(Whitrow, 1993).

As idéias de Parmênides tiveram uma certa influência no pensamento de Platão sobre a concepção de tempo. Essa influência evidencia-se, sobretudo, em seu diálogo cosmológico, o *Timeu*, onde Platão observa que o espaço existe por direito próprio, como uma estrutura estabelecida para a ordem visível das coisas, ao passo que o tempo é simplesmente uma característica dessa ordem.

Da mesma forma, Platão empregando o termo que os gregos utilizavam para designar o tempo como " época da vida, tempo ou duração da vida" e logo "eternidade", ao escrever o *Timeu*- obra fundadora da especulação teórica sobre o tempo, segundo Gadamer (citado por Ricoeur, 1978)_ define o tempo como a imagem móvel da eternidade. Nesta perspectiva, podemos dizer que em Platão se confirma a idéia do tempo que passa como manifestação ou imagem móvel de uma presença que não passa. Em outras palavras o tempo, para Platão, é a articulação dos movimentos celestes, medido pelo sol, é objetivo, único e finito, pois criado. Ele não tem direção determinada e só existe em relação à eternidade e, ao mesmo tempo, opõe-se a ela. (Mora,1992; Reis,1994b; Ricoeur,1978).

É importante destacar conforme menciona Mora(1992) que a idéia de tempo pode desempenhar na filosofia de Platão, um papel mais importante do que se supõe até agora. Nesse sentido, teríamos que examinar com mais detalhe por exemplo como Platão concebe certos

passados remotos como possíveis modelo de um presente, assim como a maneira como este filósofo entende a evolução da sociedade. É igualmente relevante destacar, que a eternidade de que Platão falava pode ser considerada como uma ideia, mas é uma idéia da qual existe uma cópia muito "imediate": é o perpétuo movimento circular das esferas celestes. É possível inclusive que Platão considerava este movimento circular como a própria eternidade. Esta, porém, é uma questão que requer um estudo mais detalhado que não cabe no âmbito deste trabalho.

É importante ainda destacar, conforme observa Le Goff (1984 b) que Platão, em seus quatro diálogos "Político", " Timeu", "Críticas" e " Leis" , fala das Idades Míticas. No "Político", por exemplo, imagina duas espécies de ciclos : quando o sol, os astros e as coisas humanas são guiadas pelos Deuses, predomina o Bem; quando os Deuses descuram as coisas, a matéria , princípio do Mal, tudo arrasta consigo. Nas " Críticas " e no "Timeu", Platão menciona o mito da Atlântida, ilha afortunada que prefigura um estado utópico e ambíguo. Se é certo que reinam a justiça, a paz e a abundância, o que se descreve não é um estado de super- natureza, mas de hiper-civilização (Le Goff, 1984 b).

A concepção de tempo foi também objeto de reflexão para Aristóteles, que tal como Platão, se preocupa com a busca da essência do tempo. Mas, diferentemente de Platão, Aristóteles se esforça para analisar o conceito de tempo sem fazer dele uma cópia, imagem ou sombra de uma realidade verdadeira. Para isso se vale do movimento ou, melhor, do conceito de movimento. Aristóteles

observa que o tempo e o movimento são percebidos juntos. Por conseguinte, o tempo tem que ser um movimento ou algo relacionado com o movimento. Como não é movimento, tem que ser o outro, ou seja, o relacionado com o movimento (Mora, 1992; Reis 1994a). Aristóteles, na verdade, generalisa e precisa a hipótese de Platão concebendo que o tempo não é só a medida circular e total da esfera, mas a medida de todo e qualquer movimento, que tem como referência última aquela medida astronômica.

Não obstante as divergências entre as concepções de tempo para Platão e Aristóteles, pode-se dizer que para estes filósofos, o tempo é exterior à alma, pois pertence ao universo e aos seus movimentos. O tempo é, sobretudo, medida e número do movimento e assim ele não é um "ser", mas uma "forma", uma "articulação", uma "relação" entre os movimentos das coisas materiais. Enfim, como bem enfatiza Reis (1994 a, p.21) o tempo, para Platão e Aristóteles, "é uma medida inteiramente "objetiva", isto é, que se refere a fenômenos visíveis, especializados que se movem em todas as direções".

Sob uma perspectiva distinta, enfocando sobretudo, a tendência subjetiva do tempo, como anteriormente mencionada, que tem como conceito chave a "mudança", encontramos a concepção de tempo formulada por Plotino.

Segundo Plotino, o tempo não pode ser só número ou medida do movimento. Em rigor, Plotino adere a teses platônica, que o tempo é imagem móvel da eternidade e é, por tanto, inferior a eternidade (Plotino citado por Mora, 1992, p.723). Convém, no entanto destacar que divergindo de Platão, Plotino não identifica eternidade e mundo inteligível. A eternidade seria uma das faculdades do Uno, mas não se identifica com ele. Para Plotino, a eternidade do Uno é a coexistência de todas as faculdades; é a manifestação em

si e fora de si do Uno, em sua essência imutável, idêntica, infinita, universal, sem passado e sem futuro (Reis, 1994 b,p.30).

O tempo para Plotino não é, por tanto, nem o movimento , nem alguma coisa do movimento, nem número, nem medida, mas, ele é anterior a medida, mas não antes de uma alma que o meça. O tempo é o desejo de ser da alma universal que passou a se acrescentar presentes sem cessar. A propósito, disse Plotino (citado por Mora, 1992 , p.723) : O tempo "repousava no ser, guardava sua completa imobilidade no ser", estava pois, por assim dizer, "em alguma parte e não era só medida". O tempo é "prolongação sucessiva da vida da alma".

Sob a mesma perspectiva de Plotino, mas sob a ótica cristã está a concepção de tempo de Santo Agostinho. Antes, porém, de apresentar esta concepção de tempo convêm destacar que Santo Agostinho pode ser considerado como primeiro pensador que se ocupou sistematicamente em analisar o sentido da História Universal. Ele é pois um filósofo da história, na medida em que pretende ir além dos puros fatos para tratar de interpretá-los e dar-lhes um sentido. Ao tratar da concepção de tempo, como antes mencionado, Santo Agostinho expressa a complexidade na busca da definição de tempo. De todas as formas, o tempo para ele, seguramente, não é nem o movimento dos corpos e nem a medida desse movimento.

O tempo, diz Santo Agostinho : " é um foi que já não é. É um agora, que não é; O agora não se pode deter, pois se isso ocorresse não seria tempo. É um será que ainda não é. O tempo não tem dimensão; quando vamos apressá-lo se disvanesse. E, entretanto, eu sei o que é o tempo, mas só sei só quando não tenho que defini-lo: quando não me perguntam, sei; quando me perguntam,

não sei defini-lo. Não vale refugiar-se na idéia de que o tempo é "agora" , o que agora mesmo passa, o que agora mesmo estou vivendo.

Pois, (...) não há justamente "tal agora". Não há presente; Não há já passado: por tanto, não há tempo. Mas, essas dificuldades sobre o tempo se desvanecem, ou atenuam quando ao invés de empenharmos em fazer do tempo "algo externo" que pode "estar aí", como estão as coisas, o radicamos na alma : a alma e não os corpos é a verdadeira medida do tempo. O futuro é o que se espera; o passado é o que se recorda; o presente é aquilo a que se está atento; futuro passado e presente, aparecem como, espera, memória e atenção. (Santo Agostinho , citado por Mora, 1992, p. 724). Ao conceber o tempo, Santo Agostinho se preocupou, não só com como podemos apreende-lo, mas também, de que tipo de realidade é o tempo, como uma realidade criada. Nesse sentido, destacava que temos que admitir que o tempo foi criado por Deus. No entanto, não pode pensar que Deus, que é eterno, criou o tempo e com isso surgiu a duração temporal da eternidade como uma espécie de prolongação dela. O tipo de duração chamado eternidade e o tipo de duração chamado tempo são heterogêneos, embora, existem analogias entre a eternidade e o tempo. Mas a eternidade é uma presença "simultânea" , enquanto, que o tempo não é. A eternidade é heterogênia inclusive ao tempo infinito, pois o tempo infinito não constitui a eternidade, a qual se encontra por cima de todo o tempo (Santo Agostinho, citado por Mora, 1992, p.724). Na verdade, como lembra Reis (1994, p.31), no sistema cristão Deus é a própria eternidade : perpétuo presente, antes de todo o passado e acima de todo futuro, idêntico, sem sucessão, estável, hoje, eterno.

É importante ainda destacar sobre a concepção do tempo, para os

cristãos, a presença de um tempo escatológico na medida em que o cristianismo acreditava que o tempo começava com a criação e terminaria com a segunda vinda de Cristo. Nesse sentido, a visão cristã do mundo voltada para o futuro, tal como apresentava Santo Agostinho, se distinguia das idéias correntes sobre o tempo da Antiguidade Clássica na medida em que não o concebia como cíclico, nem o julgava que continuaria indefinidamente, sem que nada de essencialmente novo ocorreria. A difusão desse tempo escatológico que terminaria com a segunda vinda de Cristo, marca a cisão entre a perspectiva da Antiguidade Clássica e a da Idade Média.

C - O Tempo na Idade Média

Os pensamentos de Santo Agostinho influenciaram fortemente a difusão do Cristianismo na Idade Média. Neste contexto, os grandes teólogos da Idade

Média procuraram orientar o espírito dos cristãos para um presente que como a encarnação de Cristo, ponto central da história, inicia o fim dos tempos. O tempo medieval vai então bloquear o presente entre uma retro-orientação para o presente e o futuro-tropismo, especialmente acentuado no milenarismo. A igreja, ao reprimir ou condenar os movimentos milenaristas, favorecia a tendência para privilegiar o passado, reforçada pela teoria das seis idades do mundo-teoria formulada por Santo Agostinho - , segundo a qual o mundo teria entrado na sexta e última idade a da decrépitude, a da velhice.

Essa teoria das seis idades, formulada por Santo Agostinho, foi retomada por três "fundadores" da Idade Média, Beda - o Venerável - , Isidoro de Sevilha e Gregório Magno, que lhe confirmarão a validade (Le Goff, 1984 b, Whitrow, 1993).

A presença da corrente escatológica do tempo, ou das crenças milenaristas na Idade Média tem como principal representante Joaquim de Fiore. Este monge era um grande estudioso das Escrituras, especialmente o Livro das Revelações- Apocalipse de São João -, e suas reflexões sobre o Mistério da Trindade relacionado com o processo temporal o levaram a formular uma nova filosofia milenarista da história. Colocava grande ênfase na unidade da Trindade, argumentando que raiz , tronco e casca formam juntos uma árvore. Afirmava que havia, entretanto, três idades ou estágios distintos : a de Deus e do Antigo Testamento, que foi a Idade do medo e da servidão; a de Cristo e do Novo Testamento, que foi a Idade da fé e da submissão; e a Terceira Idade do Sempiterno Evangelho, ou Idade do Espírito Santo que suplantaria o Antigo e o Novo Testamentos e seria a Idade do amor , da alegria e da liberdade (

Le Goff, 1984 a, b, Whitrow, 1993).

À partir do Ano Mil, a escatologia cristã tal como a judaica alimentou vários movimentos milenaristas, como o de Joaquim de Fiore, por exemplo. Sua corrente escatológica, desejosa de dar um aspecto puramente espiritual, longe de todos os compromissos com o seu século, segundo Benz (citado por Le Goff, 1984 a, p.443)," identificava, de boa vontade, a Igreja Romana com a Babilônia, a grande Prostituta, a Besta do Apocalipse" .

O Apocalipse⁶, aceito pelos cristãos sob o qual Fiore se fundamenta, foi o de São João, escrito no final do século I da Era Cristã, inserido no final do Novo Testamento.

No Evangelho de S. João o próprio Jesus é o início do cumprimento da promessa e a sua morte marca o início de reino de Deus. " O reino de Deus está próximo. Mas devemos distinguir entre o presente e o futuro escatológicos : a vinda de Jesus é o início , a antecipação do reino futuro; as calamidades que se aproximam não são o fim do mundo, são o começo das dores'; 'só quando o Evangelho tiver sido pregado em toda a terra, virá o fim"(Marcos e Mateus, citados por Le Goff, 1984 a);

⁶ Do grego a revelação, que mostram a organização do céu (com a sua hierarquia de anjos, o mistério das origens com particular insistência no Paraíso, onde se restabelecerá, no fim dos tempos, a amizade entre Deus e o homem) e, sobretudo, os acontecimentos do fim dos tempos, isto é , a escatologia(Le Goff, 1984 a).

O Apocalipse de São João identificando o Messias como Jesus e introduzindo as Igrejas criadas dos novos tempos, divulgou largamente alguns aspectos da escatologia judaico cristã:

- 1) a contabilização do tempo escatológico (a Cidade Santa colocada

aos pés durante 42 meses; as duas testemunhas que profetizam sob tortura durante 1260 dias; o número da besta, 666. e evidentemente, o número 7, de há muito tempo um número sagrado, com os sete anjos que fazem correr as sete fontes da cólera de Deus);

2) a maldição através da Babilônia, simbolizada pela Besta e que o povo divino é convidado a deixar - de todo o poder temporal;

3) a divisão da escatologia em dois tempos : - entre uma primeira ressurreição, a dos santos e mártires, que reinarão sobre a terra durante mil anos (fundamento de todos os sonhos utópicos dos Mil Anos- [20, 1-15], anterior a uma segunda ressurreição, a de todos os mortos, no Juízo Final;

4) o caráter dramático dos acontecimentos que devem preceder a primeira ressurreição, o Milênio - drama em cujo centro se destaca o Antecristo- ou melhor, o Anticristo- e por outro lado, marcar a segunda e definitiva ressurreição , o grandioso Juízo Final;

5) a multiplicação dos sinais anunciadores (cornetas, terremotos, guerras, fontes, epidemias), que daí em diante serão observados em clima de angustia e pânico;

6) finalmente, a abundância e a virtuosidade das imagens e símbolos que , durante séculos, tocaram as imaginações e excitaram a verbe dos artistas (...) ".Neste contexto, é ainda relevante notar que uma das imagens dos tempos finais veiculadas pelo Apocalipse e difundidas através da arte, é a imagem da Jerusalém celeste, eterna promessa à humanidade sob a forma de cidade(Le

Goff, 1984).

Finalizando esta abordagem sobre o tempo medieval, é também, importante ressaltar que os pensamentos de Joaquim de Fiore tiveram profunda influência sobre as profecias posteriores até o final do século XVII. Whitrow (1993) faz um comentário interessante a respeito, observando como é difícil compreender o fato de que tantos pensadores sérios daquela época acabaram se guiando por profecias. Até Isaac Newton, como menciona o autor, embora não diretamente influenciado por Joaquim de Fiore, dedicou grande tempo à correlação entre profecia, história e o fim do mundo.

D - O Tempo na Idade Moderna

Convencionalmente, se considera que a Idade Moderna abarca desde os meados do século XV até os finais do século XVIII. Esse

período, na história da filosofia é geralmente dividido em quatro grandes partes : a filosofia do renascimento; o racionalismo francês e alemão e o empirismo inglês; a filosofia da ilustração e o período de constituição da ciência moderna desde Copérnico até Newton. Procuraremos ilustrar a concepção de tempo em cada um desses períodos.

Posto que o Renascimento constitui um período difícil de analisar em sua totalidade, tendo em vista que nesse período surgiu uma série de acontecimentos e perspectivas filosóficas, nem sempre coerentes, não é fácil identificar, nesse contexto, uma concepção de tempo.

Apesar disso, os estudos de Le Goff (1984 a, b) afirmam que : o Renascimento parece ser percorrido por duas correntes contraditórias sobre o tempo. Por um lado, em função dos progressos feitos na medição , datação e cronologia parece possível supor a presença de uma perspectiva histórica do passado. Por outro lado, o sentido trágico da vida e da morte pode conduzir ao epicurismo, à fruição do presente que os poetas costumavam expressar nos seus versos. Um exemplo, dessa perspectiva, como mostra Whitrow (1993), pode ser lido em Shakespeare, sobretudo, em seus sonetos e em " The Rape of Lucrece".

Não obstante as dificuldades para identificação do tempo nesse contexto, parece pertinente destacar, conforme observa Whitrow (1993), que nessa época histórica os homens adquiriram crescente consciência de que quase tudo muda com o tempo, e portanto , tem uma história. Contudo, se na Idade Média a interpretação linear da história era enfatizada em razão de sua importância para a doutrina cristã, no renascimento houve um acentuado

ressurgimento da visão cíclica, porque cresceu o interesse sobre a história secular.

Os períodos marcados pelo racionalismo e empirismo modernos, é considerado como a fase áurea da filosofia moderna, cujos os "problemas" giram, fundamentalmente, em torno da certeza do conhecimento científico. O novo método da ciência é uma síntese de racionalidade matemática e experiência sensível, aspectos que influenciaram as reflexões sobre o tempo.

Leibniz, influenciado pela corrente racionalista, analisa o tempo sob uma perspectiva causal, na qual, o futuro aparece sempre como algo determinado pelo passado. Nesse sentido, se considera que há no devir temporal uma continuidade necessária, e assim, o posterior encontra a causa de sua existência no anterior. Em outras palavras, pode se dizer, que nesse contexto, se evidencia uma concepção causal - linear que reflete na maneira de conceber o tempo: o futuro nasce do passado ou o passado engendra seu futuro e exige que ele seja de tal forma e não de outra. Essa concepção defendida por Leibniz foi posteriormente reelaborada por filósofos como Carnap, Reichenbach, embora de formas distintas (Mora, 1992).

No período da ilustração, Kant pode ser considerado com um de seus representantes. Em seus estudos se identifica uma concepção de tempo. A noção de tempo, na verdade, ocupa um lugar central no pensamento de Kant. Sua teoria sobre o tempo consiste, de fato, em um grupo de teorias. Nesse sentido, encontramos a concepção (intuição) do tempo em sua obra "Estética Transcendental" ; a concepção do

tempo na "Analítica Transcendental" e nesta a concepção do tempo em diversas sínteses e no esquematismo das categorias. Em síntese, o tempo para Kant é objetivo, isto é, dado, embora não seja exterior ao sujeito; é uma "intuição a priori" do sujeito. Nas próprias palavras de Kant " O tempo não é outra coisa que a forma do sentido interno, isto é, a intuição de nós mesmos e de nosso estado interior "(Kant, 1978. p.74). Essa concepção de tempo formulada por Kant pode ser considerada como de tendência objetivista, tal como a classificação anteriormente mencionada.

E sob essa mesma perspectiva objetivista-enfatizando o tempo como medida de movimento - que podemos situar a concepção de tempo elaborada por Newton, um representante do período da constituição da ciência moderna.

A concepção de tempo para Newton é considerada como uma concepção "absoluta" ou "absolutista" como se pode ver em sua obra nos escólios dos "Principia": " o tempo absoluto, verdadeiro e matemático, por si mesmo e por sua própria natureza, flui uniformemente sem relação com nada externo e se chama assim mesmo duração" (Newton, 1982, p. 814). Esse tempo "absoluto" por transcorrer uniforme e continuamente e envolver todos os seres, serve de referência a um tempo relativo que Newton o define, nesta mesma obra, assim: " o tempo relativo, aparente e comum é uma medida sensível e externa (...) da duração pelo meio do movimento, que é comumente usada ao invés de tempo verdadeiro" (p. 814). A "duração" ou " tempo absoluto" é uma substância que envolve todas as coisas e a faz existir, preservar no seu ser. Ela é contínua, uniforme e idêntica mesmo quando os movimentos se aceleram ou

desaceleram ou entram em repouso. Nessa perspectiva, o tempo absoluto distingui-se das medidas sensíveis do movimento, assim, se supõe que o tempo é independente das coisas, isto é, enquanto as coisas movimentam o tempo não movimenta. As mudanças das coisas são, pois, mudanças em relação com o tempo uniforme.

E - O Tempo na Idade Contemporânea

Outras concepções de tempo podem ser encontradas no pensamento de filósofos do século XIX e XX, como Bergson, Husserl, Heidegger, Einstein, entre

outros.

Em Bergson, por exemplo, se encontra, segundo as palavras de Reis(1994 b, p. 32-33) a seguinte concepção de tempo: " o tempo confunde com a continuidade de nossa vida interior. O tempo, é a fluidez mesma de nossa vida interior, é a continuação do que prosegue e segue, é transição ininterrupta, multiplicidade sem divisibilidade e sucessão sem separação".

Mencionando a Husserl, se pode dizer que em sua noção de tempo aparece uma distinção entre o tempo fenomenológico descrito como a forma unitária das vivências, em um fluxo do vivido, e o tempo objetivo cósmico. A vivência real é temporalidade, mas uma temporalidade com uma espécie de " duração real", algo parecido com o pensamento Bergsoniano. Essa concepção de tempo pode ser situada na perspectiva subjetivista do tempo.

Em Heidegger, encontramos uma concepção de tempo que vem abolir a concepção de tempo na ótica da causalidade linear. Assim, para Heidegger, o passado já não é algo que determina o futuro, mas o futuro inclui o passado. O "a-venir"é ainda o ter sido . Não há a simetria entre o passado e o futuro, na qual um seria o determinado e outro aberta, mas há uma relação intrínseca entre eles" (Reis, 1994 b, p.57). Um aspecto importante nessa concepção de tempo para Heidegger é que a temporalidade não é o ser mas um processo que reúne dispersando. A passagem do futuro ao passado e ao presente é ao mesmo tempo unificação e diversificação. Aí Heidegger põe o futuro como predominante, como local da finitude. E essa determinação que o "ser-aí" deve tomar como ponto de partida para chegar ao interior da consciência viva, que é passado e presente(Heidegger, 1989; Reis 1994 b)

Sob a mesma perspectiva de Bergson - Tempo como desdobramento da consciência - se pode ainda mencionar a noção de tempo apresentada por Bachelard.

Para este filósofo, a concepção de um tempo único, levando sem retorno a nossa alma com as coisas, só corresponde a uma visão de conjunto que exclui a diversidade temporal dos fenômenos. É preciso estudar os fenômenos temporais, cada um com seu ritmo próprio, sob um ponto de vista particular. O ser do tempo é lacunar, cheios e vazios. Nesse sentido, a reflexão de Bachelard, se contrapõe a tese do tempo único e contínuo de Bergson e vem propor a constituição de uma "dialética da duração", isto é, a concepção do tempo como diverso e descontínuo(Reis, 1994 b).

Finalmente, ilustramos a concepção de tempo na Idade Contemporânea com a formulada por Einstein. Mencionar essa concepção nos parece importante pois é, resultado das conquistas mais avançadas e espetaculares da pesquisa científica, como bem lembra Reis(1994 a). Einstein, entende o tempo como " a posição dos fenômenos em movimento no espaço" , em que o tempo perde seu caráter "absoluto", de "metafísico", tornando-se plenamente " medida relativa de movimento", em que uma indicação de tempo só tem sentido se se indica o sistema de comparação para medi-lo. Para Einstein, a identificação do tempo depende da perspectiva do observador que tem como referência a velocidade da luz e não mais o céu, como tinham os filósofos anteriormente apresentados.(Einstein 1921, 1981; Reis 1994 a, 1994 b). Uma análise dessa concepção nos leva a considerá-la como mais um caso da perspectiva objetivista do tempo.

IV -CAPITULO 3:

A REPRESENTAÇÃO DO TEMPO NO PRESENTE:

Um estudo em uma comunidade do Santo Daime

3.1 - Considerações Preliminares

O final do segundo milênio apresenta para História características próprias do nosso tempo. Contudo, a análise de outras concepções do tempo no decorrer da história de algumas civilizações, nos permite supor uma relação entre o passado, o presente e o futuro na própria dimensão temporal.

Para se fazer tal análise, contudo, é relevante notar, como diz Le Goff (1984 b) que a distinção entre passado e presente é um elemento essencial da concepção do tempo. E pois, uma operação fundamental da consciência e da ciência histórica. Como o presente não se pode limitar a um instante, a definição da estrutura do presente, seja ou não consciente, é um problema primordial da operação histórica.(p.293)

Nos estudos desta relação entre o passado e o presente, Eric Hobsbawm (citado por LE GOFF, 1984 b), acrescenta que a maior parte das sociedades considera o passado como modelo do presente. Nesta devoção ao passado há, no entanto, fendas através das quais se insinuam a inovação e a mudança.(p.299)

Parecem ser justamente essas duas idéias referentes à relação entre o passado e o presente, o que podemos observar atualmente nas diferentes sociedades ocidentais, tanto a nível de obras escritas, artigos de jornal e revistas a respeito, como também em manifestações de pessoas influenciadas pelas religiões apocalípticas.

Neste contexto Schwartz(1992) assinala que : "De 1000 passará, a 2000 não chegara" clamam os profetas do Apocalipse. Hoje, a ciência e a tecnologia tornaram essa previsão possível e até provável

Para isso mesmo, revisitamos Nostradamus, lançamos naves

espaciais com mensagens de paz para eventuais leitores extraterrestres, ouvimos música new age, construímos abrigos anti-atômicos e retomamos os caminhos do espiritualismo - depois de Deus ter sido declarado morto e enterrado pela ideologia. Neste planeta ou em outro, porém a ciência capaz de gerar destruição é também promessa de saúde e felicidade para os humanos. Com erudição e profunda simpatia pela humanidade contemporânea. Fim de século é o livro que permite compreender melhor nossos medos e esperanças com base em nossa história cultural".

O Historiador Georges Duby (1967) também aborda este tema afirmando em sua obra o Ano Mil: "Um povo aterrorizado pela eminência do fim do mundo: no espírito de muitos homens de cultura, esta imagem do Ano Mil ainda hoje permanece viva, apesar do que Marc Bloch, Henri Focillon ou Edmond Pogmon escreveram para a destruir, o que prova que os esquemas milenaristas ainda não perderam completamente na nossa época o seu poder de sedução na consciência coletiva". (p. 11)

Outra fonte interessante em que também podemos perceber a presença e mesmo o questionamento desta concepção de tempo " milenar" é o Livro "O Novo Homem - A única Esperança para o Futuro"- do Mestre Indiano OSHO- como seu próprio nome indica, busca alertar a humanidade com relação à necessidade de mudança para o Novo e abandono do Passado. Neste sentido Osho (1987) assinala: "Houve um tempo em que os homens eram realmente sacrificados vivos, abatidos diante de estátuas de pedra.

Embora ninguém ouse fazer tal coisa hoje em dia, psicologicamente a situação não mudou. O homem ainda é sacrificado seja em nome do capitalismo, ou em nome da raça ariana, em nome do islamismo , em nome

do cristianismo, ou em nome do hinduísmo. Em lugar de deuses de pedra, agora existem apenas palavras falsas , sem sentido; mas o homem tem aceito viver assim pela simples razão de que toda criança descobre-se nascida numa multidão que já está condicionada. Os vizinhos estão condicionados; e as crianças são desamparadas - elas não podem conceber nenhuma outra alternativa a não ser Jazer parte da multidão", (p. 9)

Além destes livros, não poderia deixar de citar o Jornal "Folha de São Paulo" (11 /07/94), que apresenta um caderno Especial com o seguinte tema: 2000 dias para o ano 2000, onde apresenta desde "previsões de como estará a economia mundial até o que estarão vestindo as pessoas nas ruas ", apresenta também matérias que dizem respeito aos movimentos apocalípticos como se pode ler: "- Para Milenaristas,a História se repete em ciclos- crença que previa o fim do mundo na passagem do 1º para o 2- milênio ressurgiu com a chegada do ano 2000".

A matéria do jornal assinada por Manuel da Costa Pinto assinala o seguinte: "contrariando a idéia de que um mundo dominado pela ciência se contrapõe ao universo da fé, o século 20 pode assistir ao advento de um milenarismo secularizado..."

Neste mesmo caderno, Cláudio J. Tognolli, afirma que 35 milhões esperam o dia do apocalipse , sendo esta conotação baseada nas estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto Cristão de Pesquisas (ICP);

Para esta matéria -"Membros de várias igrejas do país acreditam que o Juízo final pode acontecer entre hoje e o ano 2000" - a Folha percorreu o centro de São Paulo, por dez dias, em busca das leituras que cada fiel fez

do apocalipse. Neste contexto encontramos a manifestação de pessoas atormentadas pelo fantasma do Juízo Final como o caso de Maria de Lurdes Batista, que há cinco anos "torra" sua existência no centro de São Paulo alertando os pedestres sobre como se salvar dos pecados. - Olhos azuis, vestida de branco como uma freira, trazendo em punho um megafone de última geração, ela distribui santinhos de metal dourado, na intenção de salvar os paulistanos do "mal".- "Um dos sinais do apocalipse é que os padres deixaram de usar batinas e que eles mesmos têm medo de falar sobre o fim do mundo."sustenta a pregadora, citada por Tognolli (Folha, 1994,p Esp.-A3)

Outro exemplo destas manifestações apocalípticas pode se notar na formação das Comunidades Alternativas nestas últimas décadas, como a Comunidade do Santo Daime no Brasil.

Neste sentido, a relação entre passado e presente, da qual o estudo se ocupa, encontra-se em especial na consciência social-histórica, em que se discute a mentalidade (maneira de pensar, sentir e agir) de um povo, em que o passado, o presente e o futuro se profigram simultaneamente em sua concepção e função do tempo presente.

3.2 - O Santo Daime e o tempo presente

O Santo Daime é atualmente a doutrina "milenarista" brasileira mais representativa desta última década, por abarcar uma diversidade de

peessoas, demonstrando um grande ecletismo sócio cultural em sua formação. Nosso país tradicionalmente cristão, traz em meio à suas inúmeras religiões, seitas e crenças, a doutrina do Santo Daime, que vem se expandindo e propagando com maior veemência o anúncio do fim dos Tempos, recebendo adeptos de diferentes religiões.

É uma doutrina que tem como corpo material de seus ensinamentos os Hinos (produzidos pelos próprios membros) que anunciam os princípios morais, educacionais .doutrinários como também o prenúncio dos tempos, como pode se observar na seguinte estrofe :

VII

Esta é a declaração
Que anuncia o fim dos tempos
Tudo pode estar no fim
Mas nosso mestre é para sempre ⁷

Como podemos perceber, o Santo Daime trás para o segundo milênio a crença apocalíptica em seus ensinamentos e neste sentido Cunha(1984, p.101) nos acrescenta que "a sentença final para quem não acreditar , ou seja , para os materialistas incrédulos, lembra muito bem a versão apocalíptica da Bíblia Sagrada : "aquele que não acreditar, verá chover três dias com três noites em pleno verão, águas do coração em nuvens acumuladas pela incerteza condensada pelas dúvidas".

⁷ ver anexo 1

Os hinos normalmente narram situações outrora parecidas, como o Dilúvio de Noé, profetizando sobre o final dos tempos (hino nº 79 de Alfredo Gregório), e prometendo um mundo novo para os que observam as leis divinas

(hino nº 19 da Nova Jerusalém do Padrinho Sebastião.)

Alverga, interpretando o presente como um tempo de transformação, afirma que, para chegarmos à Nova Era, é preciso haver um novo conhecimento e um novo caminho. Muitos salteadores (de consciência) perambulam pelas estradas e, por isso, muitos atalhos novos foram abertos. Um desses atalhos é o culto do Santo Daime, escola de autoconhecimento, trabalho espiritual e caridade, herdeira das tradições esotéricas cristãs e da força espiritual dos povos pré-colombianos (1992, p.10).

Assim, originário dos Incas, o Santo Daime, era conhecido por esses povos pré-colombianos como Ahyauasca, bebida reparada a partir da Banisteriopsis Caapi e da Psicotrua Viridis, que na língua quíchua² significava algo como "Liana dos sonhos", cujo o vinho torna possível a comunicação com os espíritos mortos, sendo por este povo utilizado certamente para rituais, iniciações, havendo indícios de uma tradição profética propagada entre os sacerdotes do sol, que através da vidência com o vinho anteviam o fim da civilização Inca, segundo Alverga (1992, p.11).

Porém, não se sabe ao certo como o segredo deste poder divinatório da bebida chegou ao Brasil. Mas através das lendas dos povos indígenas da Amazônia Ocidental existem alguns vestígios sobre o culto da Liana dos Sonhos.

Nos Estados do Acre, Amazonas e Rondônia muitas pessoas tomam o Santo Daime; porém, de acordo com as lendas históricas e particularidade dos diversos grupos, a bebida também pode ser reconhecida como Vegetal, Ayahuasca, Uasca, Mariri, Caapi, Yagé, Cipó da Amazônia, Tarauacá

e Feijó.

A denominação de Santo Daime, conforme seus seguidores afirmam, originou-se da oração ou rogativa que utilizam "Dai-me Fé, Dai-me amor, Dai-me Força, Dai-me Luz, características das raízes doutrinárias do Mestre Irineu, conhecido como o fundador da doutrina no Acre. Nesse contexto, como flor nascida nas florestas tropicais do estado do Acre, esse conhecimento tomou sua forma doutrinária reconhecida como Santo Daime através do mestre Raimundo Irineu Serra, sendo polêmica a história de como este assimilou ou recebeu os ensinamentos da doutrina.

Por um lado, acredita-se que Irineu Serra assimilou dos indígenas os ensinamentos na utilização e fabrico da bebida para rituais. Por outro lado, acreditam na versão lendária-mística, cuja a história é demonstrada no seguinte Hino ,no qual Irineu Serra explica como recebeu a doutrina:

"EU ESTAVA EM PÉ FIRMANDO"

(" Padrinho" Irineu Serra, citado por Cunha, p 45)

I

Estava em pé firmando
Olhado para o firmamento
Uma luz me apareceu
Iluminou meu pensamento.

II

Iluminou meu pensamento
E perguntou se eu conhecia
Nos meus olhos eu enxerguei
A sempre Virgem Maria

III

Meu pai é carinhoso
Ele não quer mal a ninguém
Deve amar com firmeza
A meu pai que nos quer bem

IV

A minha mãe é tão formosa
Me dá luz e o clarão
Devo amar eternamente
E consagrar no coração

V

Sou filho do meu pai
Eu devo ser atencioso
Abraçar a todo mundo
E não querer ser orgulhoso

VI

Eu vivo alegre sempre
O meu consolo é só cantar
Porque tenho uma esperança
De em breve me separar

VII

De breve me separar
Com Deus e a Virgem Maria
Talvez vocês não achem
Outro irmão com alegria

A história da doutrina é assim apresentada através da cultura material de seus ensinamentos encontrada no corpo de Hinos recebidos por Mestre Irineu e demais seguidores. A função do Daime, portanto, é despertar no homem o poder espiritual, é a redenção pelo Cristo interno (o verdadeiro Eu), sendo constantemente lembrado nos hinos que "todos estão dormindo e é preciso acordar".

Esse "dormir" para os daimistas corresponde à morte pelo ego mental enquanto o "acordar" significa entrar no mundo do cosmo-consciente onde o seu

ser se imortaliza.

Os hinários e as concentrações são trabalhos que levam a meditação profunda, cujo saboreamento espiritual só acontece ao participante quando ele se abre rumo ao infinito em "cosmo-meditação", em "Cristo conscientização".

Estas são palavras chaves do Evangelho de São João, quando afirma que "as crenças teológicas dos homens estão cedendo lugar à experiência crística de Deus": "a verdadeira meditação é uma invasão Cristo-cósmica na alma do homem. Enquanto o homem é ego-pensante nada de grande lhe acontece; mas quando ele se torna cosmo-pensado, cosmo-agido, cosmo-vivido, então lhe acontece a invasão cósmica do espírito de Deus, que resolve todos os problemas da vida terrestre e introduz o homem na vida verdadeira", conforme assinala Cunha. (1984, p.- 32).

Neste sentido o ritual do Santo Daime é reconhecido como um exemplo desta invasão cósmica que se invoca através da bebida, sendo útil ao discernimento e concentração, levando a uma reflexão, a uma meditação. O Daime, assim, é encarado como um caminho para a regeneração dos descrentes e incrédulos, considerado uma escola onde aprendem os que querem estudar, a doutrina é para aqueles que acreditam e querem aprender, pois como diz o hino de Maria Marques: " aqueles que não dão crença desocupem os assentos".

O Santo Daime ou a Doutrina de Juramidam⁸, como também é identificada, foi se constituindo de pessoas provenientes da própria região do Acre, sendo a maioria ligadas por grau de parentesco. Um dos principais discípulos e difusor da Doutrina, foi Sebastião Mota de Melo que

conforme assinala Alverga(1992, p.13) 'com sua força emanada de sua palavra profética, juntou um povo e começou uma obra cujo fruto mais eloquente é a Vila Comunitária do Céu do Mapiá (Acre) , além de diversas igrejas e núcleos no Brasil e no Exterior."

Neste contexto, indica-nos Alverga (1992, p.14) que no final da década de 70 e começo de 80, um novo fenômeno ocorreu .Viajantes , buscadores, jovens mochileiros na rota de Machu-Pichu faziam circular entre os "iniciados" a notícia da existência de uma comunidade perto de Rio Branco que usava uma misteriosa bebida mágica, de origem Inça.

Foram esses ecos que os levaram até a doutrina.Desde a década de 80, os hinos falavam desse povo que chegaria de longe, até do estrangeiro, para se juntar ao povo que começou a ser acolhido por Mestre Irineu, começando assim a crescer a se expandir a partir do Estado do Acre, Amazônia Ocidental brasileira, um fenômeno espiritual dos mais ricos e significativos neste final de milênio.

Uma doutrina que fundiu seringueiros, caboclos amazonenses, povo da beira dos igarapés com muitos profissionais liberais, artistas, chefes de família, donas de casa e muitos jovens das regiões mais desenvolvidas do país revificando o cristianismo como um projeto de redenção e esperança para o terceiro milênio".

⁸ ~~Juramidam, segundo o hino~~" Somos Midam" de Sebastião Mota de Melo: "Meu Pai se chama JURA e nós somos MIDAM", hino nº 18-Nova Jerusalém.

É relevante notar neste sentido que uma das principais contribuições de Sebastião Mota para a doutrina foi o ideal de comunidade, um ideal de organização comum dos irmãos, que depende da auto-realização de cada um.

A comunidade, segundo a doutrina, é um cenário para a realização material, para que todos entrem em contato com os dons, virtudes e defeitos dos demais membros; um imenso laboratório espiritual e psíquico que permite desenvolver os indivíduos visando o seu aperfeiçoamento; um lugar capaz de representar um padrão de organização material e espiritual, um modelo viável de ocupação planetária, alguma solução viável para a saga humana dentro da criação divina.

"O tipo ideal que se propõem e esperam realizar, no decorrer dos tempos para os seguidores da doutrina, é aquela que amplie o ideal de irmandade, da cooperação e solidariedade no trabalho, no desenvolvimento dos ideais da corporação de ofício. Elas tem que ser oficinas vivas, laboratórios criativos do viver, do comer, do pensar, do amar, do Educar e do sobreviver frente ao parto difícil de uma nova Era no mundo", como observa Alverga (1992, p.-319)

Com este ideal, algumas comunidades começaram a se formar em vários estados do país, como a comunidade Céu de Maria em São Paulo, comunidade Céu da Montanha em Mauá - RJ, comunidade Céu do Mar na capital do RJ, Comunidade Céu da Serra no Caparão - ES, comunidade Colônia Cinco Mil , comunidade a Barquinha localizadas no Acre, comunidade de Santa Luzia em Belo Horizonte- MG e comunidade do Mato Dentro - (próxima a São Lourenço) e comunidade do Matutu em Aiuroca - sul de Minas Gerais, sendo esta última a escolhida para o desenvolvimento da pesquisa de campo.

Assim, buscando compreender com maior clareza os princípios e os ensinamentos pregados pelo Daime, a sua concepção de tempo em função da doutrina, desenvolvemos a pesquisa de campo , que nos proporcionou observar sob este aspecto temporal, a presença do passado nessa comuna do

Matutu.

3.3 - O Passado Presente na Comunidade do Matutu

A comunidade do Matutu começou a se formar por iniciativa de um casal, Guilherme e Kênia, filhos e netos de fazendeiros da região de Alfenas e Belo Horizonte.

O casal, já ligados a terra e conhecedores (eleitos como Padrinho-Madrinha, ou seja mestres espirituais) do Santo Daime (Acre) , souberam das terras do Matutu e, convencidos da propícia localidade para formar uma comunidade, compraram-nas, fixaram-se ali e começaram a desenvolver o trabalho de formação de uma comunidade do Santo Daime, ou, como eles preferem considerá-la , um Centro de Estudo do Ayuaska, cumprindo com suas missões, como diziam.

Foi no final da década de 80, porém, que começou a se formar a comunidade, sendo seus primeiros moradores oriundos dos movimentos alternativos e amigos próximos do casal que para ali se mudaram.

A comunidade foi se desenvolvendo e atualmente encontra-se constituída por cerca de 100 moradores, entre homens e mulheres, com uma faixa etária dos 20 a 55 anos, adolescentes entre 11 e 17 anos e crianças que variam de 10 até 2 ou 3 meses, em um total de 21 famílias aproximadamente, provenientes de cidades da própria região como São Lourenço e Mato Dentro; e outros vindos de Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, , Chile, Paraguai, Itália e França.

A maioria desses moradores é proveniente dos movimentos alternativos dos anos 70; artesãos que sempre viveram em sítios integrados com a natureza, praticando a homeopatia, e mesmo simpatizantes da doutrina do Daime nas comunas de Belo Horizonte (Santa Luzia) e Rio de Janeiro (Céu do Mar).

As pessoas que chegam para conhecer a comuna e que ali desejam morar, primeiro passam por um entendimento com o Guilherme, dono das terras e havendo a aceitação elas se acomodam em barracas para

posteriormente, conforme sua condição financeira, comprarem um pedaço da terra e constituírem sua casa. Nesse momento, podemos identificar a primeira presença do passado na comuna. Um passado com características feudais, em que um "senhor" oferece a terra a seus "servos" em troca de seus trabalhos para a comuna, bem como oferecendo-lhes também proteção contra a sociedade "capitalista-exploradora", além de dar-lhes conforto espiritual e promissor de um novo tempo de paz.

A medida que as pessoas vão chegando e se fixando, faz-se um mutirão entre os homens para o trabalho de recolha de madeira e erguimento das paredes, sendo estas casas construídas com os recursos do local, ou seja com madeiras das árvores que ali mesmo são derrubadas, provocando denúncias em jornais contra tais atitudes anti-ecológicas dos moradores. Esta também constitui-se em mais uma manifestação de uma mentalidade "primitiva", com relação a natureza.-

O meio de subsistência dos moradores , a maioria de classe média alta, provém de heranças de família e em alguns casos de pensão, de ex-maridos para os filhos. Alguns também desfrutam dos resultados de produções artísticas independentes, como cartões, chás, artesanato em durepox , baticos , prismas, e ainda pães integrais, feitos em uma padaria (em fase terminal de construção) na própria casa do padeiro. Outros vivem do resultado da produção de peças de cerâmica, tecelagem, costura, da oficina da comunidade, que também em fase terminal de construção é o único empreendimento comunitário. Há também, ultimamente⁹ a prestação de serviços particulares de marcenaria e pedreiros, roçados, jardins e hortas.

O cotidiano da comuna inicia-se às 5 :30h, quando soa o primeiro sino,

batido pelo responsável do dia pelo café da manhã. O café (café com açúcar branco, chá, e 2 fatias de pão integral) é servido após a oração das seis horas.

A divisão do trabalho, também trás características peculiares de uma mentalidade ultrapassada, misógina em que um dos homens é responsável pela orientação do trabalho na roça indicando as funções aos demais para os cuidados com animais(vacas, porcos e carneiros) como também destinados a recolher madeiras para as construções. Enquanto que as mulheres, umas vão para a casa, outras para a oficina e duas ficam responsáveis pelo almoço.

As crianças maiores vão para a escola na própria montanha e as menores, do primário, vão para a estrada para uma caminhada de 2 Km até o Vale do Matutu, onde se encontra a Escola de São Miguel Arcanjo, da prefeitura de Aiuruoca.

Logo pela manhã, são combinadas as viagens até a cidade para compras, dentistas, aulas de música. Raras vezes são procurados os serviços médicos, pois têm o Daime como remédio curador¹⁰, (aspecto também de um "primitivismo" com relação aos recursos oferecidos pela medicina atual), além das orientações médico- homeopáticas de um dos moradores da comuna, o qual também exerce seu trabalho no município de Aiuruoca.

¹⁰ É relevante notar que Kênia, neta de fazendeiro e filha de Diretor de Hospital em Belo Horizonte, faleceu na Montanha do Matutu por falta de recursos médicos, durante seu parto, sendo o caso pouco comentado pelos membros da comuna.

Todas as quartas e domingos, às 18 horas, são feitas orações na igreja, sendo estes os dias de "passeio e encontros" dos moradores. Durante as orações são cantados os hinos que transmitem o conhecimento e o caminho para a melhoria do relacionamento e princípios de vida seguidos por aquelas pessoas.

É relevante porém ressaltar que percebe-se um relacionamento ainda muito difícil entre eles, principalmente com relação à diferença de sexo, o que provoca reclamações entre adolescentes que se sentem discriminadas, assim como as outras mulheres, pelos homens da comunidade.

Esta discriminação é tão evidente, que as mulheres não possuem o direito de opinar sobre os problemas e resoluções da comuna, havendo reuniões só de homens, proibindo a presença feminina para tais discussões, de acordo com o testemunho de uma pessoa da comuna e minha própria vivência durante a pesquisa de campo.

Outro ponto que também é questionado por alguns membros está relacionado com a alimentação: a comunidade, apesar de manter uma postura naturalista, pouco produz para sua subsistência. Recebem alimentos de outra fazenda que Guilherme administra¹¹, e compram nos supermercados da cidade produtos como, macarrão, açúcar branco, farinha branca, enlatados e outros alimentos incompatíveis com seus princípios de vida alternativa.

Contudo, apesar dessas observações feitas pelos próprios moradores, principalmente pelas mulheres, a comuna continua seguindo

¹¹ Esta fazenda é do avô de Kênia, fica próxima ao Matutu, em Três Corações.

seus princípios misógenos, anti-naturalistas em alguns aspectos, primitivistas em outros, patenteadores de um passado ainda presente.

Além dessas observações relacionadas ao tempo, sob o aspecto de uma mentalidade "ultra-passada" ainda presente, é relevante ainda, perceber qual a concepção do tempo para a comuna, ou seja, como ela observa a

chegada do final do milênio em relação às profecias apocalípticas de São João.

Para este propósito foram passados aos responsáveis da comuna questionários destinados a todos os membros, dos quais também foi possível observar um passado ainda presente, sob o aspecto de uma mentalidade apocalíptica, milenar, que ainda espera e acredita no dia da salvação.

A seguir, através da análise das respostas dos questionários e dos hinos que constituem a base dos ensinamentos da doutrina, será feita uma análise mais detalhada da concepção do tempo.

3.4 - A CONCEPÇÃO DE TEMPO PARA O SANTO DAIME

Considerando a hipótese da presença de um tempo milenar ou seja um tempo de promessas e esperanças na vinda de Cristo para o julgamento final, através de entrevistas informais, pode-se perceber nas respostas que a

preocupação se volta mais para o fato de estarmos vivendo em um tempo de falta de amor e entendimento com o próximo e com a natureza, buscando na vida comunitária um aprimoramento para esse tempo. É relevante notar que poucos se referiam ao dia do Juízo Final, mas diziam que nos hinos encontravam a resposta para o significado de seguir esta doutrina neste período de transição entre eras e milênio.

Observando a grande preparação para o Trabalho de São João, que foi o profeta do Apocalipse, buscou-se através de questionários compreender tal relação, bem como adquirir informações referentes às expectativas para o próximo milênio.

Pela primeira questão abordada no questionário, pode-se perceber que apesar de se preocuparem com as mensagens de São João, não são muito conhecedores do seu

Apocalipse e não conseguem relacionar as profecias expressas em seus hinos com as do Apocalipse de São João. Isto pode ser observado através das seguintes respostas apresentadas por alguns dos membros da comuna:

" R - "Neste dia as pessoas tomam Daime e refletem sobre sua existência. Tendo como referência os atos do profeta S. João Batista. A vida de S. João é narrada por S. João Evangelhista, mas não conheço a relação que isso possa haver com o Apocalipse desse autor. (Celso Martinez Rodriguez - professor)"

R - "Nas festas relembremos as mensagens de S. João cantando e buscando melhorar para podermos estar melhor preparados para os tempos difíceis que já estamos vivendo no planeta Terra e se não melhorarmos todos a

terra toda não melhorará tão cedo. (Nina Michaelis - professora)""

No segundo momento, quando procurou-se informações sobre as expectativas do próximo milênio, percebeu-se que, mesmo existindo em alguns hinos o anúncio da volta do Salvador pelo Daime, seus membros estavam mais preocupados com a melhoria da vida e preservação do planeta, nem chegando a mencionar a questão da chegada do milênio, como também nota-se nas seguintes respostas, dos membros da comuna, ao questionário:

R - "São de bastante otimismo sabendo que é preciso estar alerta e não parar de trabalhar com amor, Verdade, Justiça e alegria em Deus. (Biel)"

R -Trabalhar, aprimorar e principalmente estimular as pessoas a conhecerem melhor o mundo onde estão vivendo, as pessoas com que atuam e sobretudo a si mesmas (Celso)"

R - "Se todos trabalharem para melhorar este planeta, já habitamos o melhor lugar do mundo. Temos tudo o que precisamos e aqui estão nossos descendentes. Espero que os meus irmãos terráqueos percebam que estamos no paraíso e que só depende de nós todos.(Nina)"

Visando esclarecer mais o significado deste tempo milenarista, de acordo com um "modelo" apresentado por especialistas, buscamos identificar nos hinos tais características como: "um período marcado por crises; quando o mundo é encarado como um campo de batalha entre o bem e o mal; um chefe carismático; um povo eleito na concepção de uma redenção final num Paraíso terrestre (Le Goff,1984 a, p.444), como podemos observar em alguns versos dos hinos 12 a seguir.

No hino - VOU SEGUINDO - encontramos o carácter de um tempo

de promessas para a salvação, na sua última estrofe:

V

É quem tem pra nos dar
Para mim com meus irmãos
É quem dá a todos nós
A Eterna Salvação.

No hino - PUBLICAÇÃO - identificou-se a concepção de um tempo apocalíptico, quando será cobrada e julgada a humanidade no final dos tempos, quando Cristo voltará, como nos mostram estas estrofes IV e V :

IV

A provação já é este julgamento
Quem muito fala, muito terá que provar
Que a ordem do Divino é muito séria
E não há outro que o possa desmanchar

V

Os ensinamentos nos trazem conhecimento Para todos nós sabermos como é
E a presença que agora o tempo traz
É do Senhor e Senhora de Nazaré

No hino - O MENSAGEIRO- também pode-se constatar estas mesmas característica nas estrofes III e IV:

¹² Os hinos que seguem encontram-se completos em Anexo - p.

III

É preciso se trabalhar
fazer esforço de procurar
que nós temos a certeza
deste mundo se ausentar

IV

Vamos todos trabalhar
que nós vamos se apresentar
Perante ao nosso Pai
E os trabalhos a ele mostrar.

No próximo hino - NOSSO MESTRE NOS MANDOU UM RECADO,
pode-se identificar idéia de que o mundo é encarado como um campo de batalha
entre o bem e o mal,

III

A nossa mãe deu o aviso
Ao nosso mestre aqui na terra
Para ele nos prevenir
Que nos estamos dentro da Guerra

IV

O Nosso Mestre não se julga
Considera todos iguais
Ele manda que nós se firme
que ninguém sabe aonde vai.

No último hino que se utilizou para demonstrar as características deste
Tempo Milenar na doutrina , percebe-se a presença de um chefe carismático, que é
o próprio Daime, reconhecido neste hino como Juramidam, ou como o
próprio Cristo, que virá trazer a salvação.

O Mestre que me ensina
Está no coração
Trabalho com amor
Para receber a salvação

O nome está mudado
Para não dar confusão

Mudou de Jesus Cristo

Agora é Juramidam.

Ainda neste contexto, é relevante assinalar que o tempo, para a doutrina, é concebido segundo as interpretações de Sebastião Mota. Contudo, o "padrinho" Sebastião não costumava falar abertamente sobre o Juízo Final. Porém, algumas vezes, quando ele queria enfatizar a urgência das transformações, lembrava da antecipação do calendário Juliano: na verdade o ano 2000 viria quatro anos antes. Em outros momentos ele se referia a outras datas, como por exemplo 2014. Para ele esse Dia Decisivo já era presente e a questão era perceber quantos anjos ainda faltavam tocar suas trombetas e despejar o conteúdo de suas taças sobre nós. Ele também não escondia que esperava um balanço muito forte. A novidade era que o povo da nova arca, escolhido para essa nova aliança, deveria estar preparado tanto no nível interno, para fazer a passagem a qualquer hora que fosse convidado, como também deveria estar apto a estudar a revelação dos hinos que falam de uma noite de "Grande Transformação" e de um "Encontro".

O "padrinho", referindo-se à relação com os astros, dizia : "(...) Mas todos nós é uma estrelona brilhando no Astral. Precisa só ter conhecimento e saber qual é.

Os hinos falam disso -(...)

E. As presenças celestes estão aí mesmo em cima. Se a gente prestar atenção, vê um bocado de coisa. Tem umas que voam por aí. O cara diz aqui de baixo. ' É um satélite.' Mas que nada. Ê uma alma. Ela tem luz para voar e já existia muito antes do homem inventar o tal do satélite. O homem é um bicho danado, vai inventando de tudo, imitando de tudo que existe na natureza. Agora ele mesmo não é essa matéria que sabe fazer tudo. - Ê

preciso a gente ter consciência de não ser matéria para poder se lembrar do que é espiritualmente,(...) - Para ver, todo mundo tem que estar presente, em espírito. Quem falou naquele tempo foi o mesmo que falou agora"(p.190). Afirmava também» que era preciso estar bem sintonizado com o 'Sol', a 'Lua' e as 'Estrelas' com os 'Regentes Universais' presentes no 'Eu Sou'. Não se negar de jeito nenhum. Ser da mesma forma no Céu e na Terra (Alverga, 1992).

Concluindo, acrescenta o autor, são as "lembranças do passado" , diz um hino de Sebastião Mota , uma tentativa de justificar ou reparar nossa posição diante do Cristo de João Batista e dos demais personagens dessa história. Devemos canalizar o nosso esforço para o discernimento do futuro. No presente está o subjuízo, que nos prepara para a audiência final. Depois de unido o positivo e o negativo, podemos ver nossa luz brilhar . Este é o sentido alegórico expresso no hino do "Padrinho" :

Vivo aqui neste mundo
Não devo nada a ninguém
Vivo na terra de Deus
Aonde ele habita também.

Vivo no Sol e na Lua
Acendi meus castiçais
Tenho uma vida suprema
Pois assim o meu Pai faz

Vivo no Sul e na Lua
Ascendi meus castiçais
Receba este de presente
Pois este lhe satisfaz

Se este lhe satisfaz
Receba no coração

Esta prenda de amor
Do meu Senhor São João
Alverga, 1992, p. 146).

Eis aí uma síntese da concepção de tempo para a doutrina do Santo Daime através da qual podemos fazer uma analogia com as outras concepções de tempo no decorrer da história, buscando verificar a suposição de um Passado e um Futuro no Presente, conforme pode se observar na conclusão, apresentada a seguir.

CONCLUSÃO:

"O PASSADO E O FUTURO NO PRESENTE"

Ao analisar as concepções de tempo ao longo da história foi possível perceber a complexidade que envolve as discussões referentes ao tema. Contudo, baseando nas classificações de Le Goff (1984 a, b) Ricouer (1978) e de

que o tempo é identificado como mítico e escatológico, objetivo ou subjetivo , respectivamente, chegamos a algumas conclusões ao comparar a concepção de tempo do Santo Daime das outras concepções apresentadas.

Seguindo a mesma linha de raciocínio da apresentação do trabalho, observando nos primórdios de nossa história a concepção do tempo no Egito Antigo, fundamentada nos fenômenos da natureza (o mito do Nilo) e na astrologia (calendário solar e a interferência da lua) , podemos identificá-la ainda presente, em meio ao grupo estudado. No cotidiano da comuna do Matutu, os horários do sol são respeitados, começando o dia assim que o sol nasce, às 6:00 hs , e encerrando os trabalhos, junto ao seu poente, às 18:00hs. Em seus hinos também é constante a presença destes signos celestes, manifestando assim a força da influência deles nas "ações no tempo" de seus membros.

É relevante notar que como no Egito Antigo, a comuna também se utiliza de um relógio de sol com um sino para anunciar os rituais e os horários de trabalho e encerramento do dia. Foi possível também notar a influência desta concepção do tempo egípcio em nossa própria realidade temporal , em que o calendário que nos rege é como o inventado por eles , com pouca diferença, mas com o mesmo número de meses (doze) e dias do ano (trezentos e sessenta e cinco).

Observando a concepção de tempo na Babilônia, também foi possível perceber nossa noção de tempo influenciada por esta. Como anteriormente demonstrado, encontramos a origem da explicação de nossa semana com sete dias e suas "imposições dominicais", no mito do tempo da civilização babilônica, que concebia o tempo baseado nas fases da lua (sete dias para cada fase).

No grupo estudado também é possível perceber a força da presença da

lua, através da busca de se fazer os "trabalhos" e "concentrações"¹³ coincidirem com a lua cheia ou nova; como também através de seus hinos que sempre trazem uma "invocação" a lua, comparando-a com a Mãe de Deus - Virgem da Conceição - como por exemplo:

LUABRANCA

Deus te salve é lua branca
da luz tão prateada
tu sois minha protetora
de Deus to sois estimada

Ó Mãe Divina do coração
lá nas alturas onde estás
minha mãe lá no céu
dai-me o perdão

Das flores do meu país
tu sois a mais delicada
de todo meu coração
tu sois de Deus estimada

Ó Mãe Divina do coração
lá nas alturas onde estás

¹³ Um outro tipo de ritual, em que os membros tomam o daime se concentram somente. Raras vezes bailam e cantam. É um ritual destinado geralmente aos iniciados (pessoas que querem conhecer o Daime)

minha mãe lá no céu
dai-me o perdão

Tu sois a flor mais bela
aonde Deus pôs a mão
Tu sois minha advogada

ó Virgem da Conceição

O Irã Antigo, com Zaratustra, trouxe a origem de uma visão escatológica do tempo, que também podemos perceber nos hinos da doutrina estudada, como pode-se observar na estrofe do hino " Eu entrei num Estudo", do "padrinho Alfredo" :

Esta é a declaração

Que anuncia o fim dos tempos

Tudo pode estar no fim

Mas nosso mestre é para sempre (Alverga, 1992, p.260).

Seguindo a história, encontramos as concepções de tempo na Antiguidade Clássica. Na literatura grega, por exemplo, foi possível comparar a noção de tempo de Hesíodo, como aspecto de ordenação moral do universo, à apresentação de alguns princípios morais da doutrina, no corpo material de seus ensinamentos, os hinos, propiciados de acordo com a visão que possuem do tempo em que vivemos, como pode se notar no hino que se segue :

CHAMO O TEMPO

Chamo o tempo, eu chamo o tempo

Para ele vir me ensinar

aprender com perfeição

Para poder ensinar

Os que forem obedientes

Tratar de aprender

Para ser eternamente

Para Deus lhe atender

Depois que o tempo chega

Ninguém queis aprender

Depois que refletir
É que vai se arrepender

Firmeza no pensamento
Para seguir no caminho
Embora que não aprenda muito
Aprenda sempre um bocadinho(SERRA, s/d, p. 85).

Neste mesmo hino parece possível identificar a concepção de tempo de Heráclito, sobretudo quando ele menciona a idéia do tempo como um juiz, conforme esclarecido anteriormente.

Em alguns aspectos a concepção de Parmênides sobre o tempo, anteriormente mencionada, parece também manifestar-se na concepção de tempo que identificamos na comunidade, ainda que de forma contraditória. Para a comunidade o presente assume uma significativa importância, porém não aniquilando os significados do passado e do futuro. Nesta perspectiva, o santo daime, como Parmênides, observa que o mundo da aparência é revelado por nossos sentidos, e contrapondo-se a este pensador, não assume que estes são enganosos, mas uma revelação de Deus e que o mundo da realidade nos é revelado, não só pela razão, considerado como o único modo verdadeiro de existência, conforme diz Parmênides.

As idéias de Parmênides, quando este observa que o espaço existe por direito próprio, como uma estrutura estabelecida para a ordem visível das coisas, ao passo que o tempo é simplesmente uma característica dessa ordem, parecem também manifestar-se na concepção de tempo da comunidade, sobretudo em alguns hinos onde podemos identificar a presença dos elementos celestes como anunciadores da revelação de Deus sobre o tempo. No hino "Olhei para o Firmamento" (Serra, s/d, p.80), por

exemplo, constatamos esta suposição, como se pode observar:

Olhei para o firmamento
Vi as estrelas brilhar
Tinha uma mais bonita
De um trono Imperial.

Este trono Imperial
Foi Deus quem me mostrou
Para eu amar a Virgem Mãe
E a Jesus Cristo Redentor

Todo dia eu canto e peço
Para limpar meu coração
Para eu seguir neste caminho
E deixar a Ilusão

Sempre eu digo aos meus irmão
Que tratem o tempo mais sério
Que o tempo não engana
E não tern dó desta matéria.

A concepção de tempo para o Santo Daime vem também de encontro com as idéias de Santo Agostinho sobretudo quando atentamos para esses seus pensamentos : o futuro é o que se espera; o passado é o que se recorda; o presente é aquilo a que se está atento; futuro passado e presente, aparecem como, espera, memória e atenção, conforme já demonstramos. Na doutrina do Santo Daime, isto pode ser observado pelo constante chamado de atenção para com o tempo. Segundo seus adeptos é preciso estar atento, pois o tempo já chegou. Tanto os hinos como os relatos dos membros da doutrina, alertam para esse fato.

Ainda é relevante retomar que para os cristãos há a presença de um tempo escatológico, na medida em que o cristianismo acreditava que o tempo

começava com a criação e terminaria com a segunda vinda de Cristo. Esses pensamentos de Santo Agostinho, como foi mostrado anteriormente e cabe aqui repetir, influenciaram fortemente a difusão do Cristianismo na Idade Média e assim os grandes teólogos procuraram orientar o espírito dos cristãos para um presente que como a encarnação de Cristo, ponto central da história, inicia o fim dos tempos. O tempo medieval vai então bloquear o presente entre uma retro-orientação para o presente e o futuro-tropismo, especialmente acentuado no milenarismo.

É esse pensamento cristão medieval embuido da crença em um tempo escatológico que parece ser retomado na doutrina do Santo Daime.

É relevante notar também, que foi durante a Idade Média, que estava se transcorrendo a primeira passagem milenar, provocando o milenarismo¹⁴, que atualmente com a segunda passagem milenar, recupera, mais fortemente, esta crença, como podemos notar não só na doutrina do Santo Daime, mas em várias outras religiões e âmbitos da nossa sociedade. Referindo especificamente a doutrina é interessante observar nos relatos de Alverga (1992, p.260) que o "padrinho" Sebastião lhe fez a seguinte declaração : " Meu filho, devemos estar bem preparados e conscientes de que pode

¹⁴ O milenarismo é a concepção do tempo que possui seu " significado originário no cristianismo que sempre nutriu uma escatologia no sentido de uma doutrina sobre os últimos tempos ou os últimos dias ou o Estado Final do mundo, relacionada a crença deste povo na autoridade do Apocalipse (SS, 4-6) de que depois da segunda vinda Cristo estabelecerá na Terra um Reino Messiânico, onde reinaria durante Mil anos até o Juízo Final"(Cohn, 1981,p11)

acontecer de uma hora para outra. Aí pelas alturas do ano 2000. Mas mesmo conhecendo a data, mesmo que só falte uma horinha ... por via das dúvidas não devemos deixar de capinar e regar nossas plantinhas", referindo-se ao dia do final do mundo.

Um outro aspecto dos pensamentos de Santo Agostinho, mais

especificamente o significado que para ele possuía o número seis a ponto de formular a teoria das seis idades, parece refletir na concepção do tempo identificada na comunidade do Santo Daime. A teoria das seis idades, realmente não se manifesta explicitamente mas, é relevante notar, contudo, que o número seis recebe uma atenção especial, que se evidencia nos horários de trabalho, alimentação e dos rituais. Um exemplo claro dessa situação esta no hino denominado "Seis Horas da Manhã " :

Seis horas da manhã
Eu devo cantar
Para receber
A meu Pai Divinal.

O pino do meio dia
A luz do resplendor
Eu devo cantar
A meu Pai Criador.

Seis horas da tarde
O sol vai se pôr
Eu devo cantar
A meu Pai Salvador

A terra é quem gira
Para mostrar
Toda criação
A meu Pai Divinal.
(Serra, s/d, p. 33)

A presença da corrente escatológica do tempo, ou das crenças milenaristas na Idade Média segundo os estudos de Joaquim de Fiore, especialmente, no Livro das Revelações- Apocalipse de São João, como mostrado anteriormente, parece igualmente refletir na concepção de tempo

do Santo Daime. É pertinente lembrar aqui que Fiori afirmava que havia, três idades ou estágios distintos : a de Deus e do Antigo Testamento, que foi a Idade do medo e da servidão; a de Cristo e do Novo Testamento, que foi a Idade da fé e da submissão; e a Terceira Idade do Sempterno Evangelho, ou Idade do Espírito Santo que suplantaria o Antigo e o Novo Testamentos e seria a Idade do amor , da alegria e da liberdade, como já foi mencionado anteriormente. Essa teoria das três idades se manifesta de alguma forma na doutrina. A identificamos, sobretudo, nos comentários de Alverga(1992, p.258) que relata que o "padrinho" Sebastião afirmava " que do ano 2000 em diante era no espírito", e que a matéria não valia nada. "Matéria tem lugar dela. No buraco. É em espírito. Do ano 2000 em diante, quem não estiver no espírito vai ficar, vai morrer outra vez". Nesse relato percebemos que a segunda idade tanto para Fiore como na doutrina é a idade de Cristo. E a terceira idade para Fiore é a do Espírito Santo enquanto que na doutrina se menciona algo similar a uma idade espiritual. Se observa então que na doutrina existe uma trindade embora distinta da apresentada por Fiore: enquanto Fiore fala da Trindade Pai,Filho e Espírito Santo, a doutrina se refere à Trindade Pai, Mãe e Filho, como podemos perceber na estrofe de um hino de João Pereira (citado por Alverga, 1992,p. 155) :

Das três fontes nobres
Eu tenho muito que contar
Um Rei e uma Rainha
E um Príncipe Imperial.

As interpretações do tempo do Daime, que tem por base o Apoclipse de São João, também vêm , nesta perspectiva, corroborar os princípios dos pensamentos de Fiore. Nesse contexto, é relevante notar que como na Idade

Média- que tinha expectativas para o ano 1260, baseado no Apocalipse de São João, tal como expressa o movimento milenarista de Joaquim de Fiore- as expectativas e a crença no Apocalipse de S.João se voltam para o ano 2014.

Encontramos ainda na doutrina a concepção que parece refletir o pensamento de Kant, na medida em que retoma a forma do sentido interno, isto é , a intuição de nós mesmos e de nosso estado interior "(Kant, 1978. p.74). Neste contexto, podemos dizer, que de certo modo, o tempo para a doutrina também assume um caráter intuitivo , na medida que seus membros acreditam na doutrina, ou na concepção de tempo por ela ensinada, de acordo com seus próprios desejos ou procura, ou seja, com sua intuição.

A análise da concepção do tempo na doutrina, seja através dos hinos como das respostas dos membros ao questionário, como mostrado anteriormente - no Cap. 3 -deixa ainda entrever a presença dos pensamentos de Bergson como também de Husserl, no que se refere, sobretudo, a ênfase desses pensadores na idéia do tempo como algo que é continuidade da nossa vida interior.

Foi possível ainda perceber, na visão do grupo estudado, que o final do século XX pode ser considerado como ura período milenarista por se apresentar como "um período de crise social", com a presença de "um chefe carismático" (padrinhos do Santo Daime), e que através de sua doutrina " o mundo é encarado como um campo de batalha entre o bem e o mal" em que "um povo será eleito na concepção duma redenção final num paraíso terrestre", conforme caracterizam os especialistas um período milenar.

Ao longo dessa conclusão vem se observando, na concepção de tempo da doutrina, uma relação entre o passado e o presente como indicado

tanto nas idéias de Le Goff (1984 a, b) como de Eric Hobsbawn(Le Goff, 1984 a), conforme mencionadas anteriormente. Daí, percebemos a permanência de uma determinada mentalidade milenarista ainda que marcada por novas mediações em seu processo de efetivação.

Nesta perspectiva, a concepção de tempo evidenciada no presente - comunidade do Santo Daime -deixa transparecer a idéia de que as pessoas se orientam por um peso do passado no presente visando um futuro escatológico, como podemos constatar ao observarmos por exemplo, em uma estrofe, do Hino da doutrina do Santo Daime "Eu Entrei Num Estudo" de Alfredo Gregório de Melo

VII

Esta é a declaração
Que anuncia o fim dos tempos ,
Tudo pode estar no fim
Mas nosso mestre é para sempre.

Se percebeu também que o passado é considerado como um modelo do presente, insinuando no entanto propostas alternativas de mudança e inovação, o que vem ao encontro das idéias de Eric Hobsbawn,citado por Le Goff (1984b,p 200)

Estas propostas alternativas de mudança e inovação se manifestam mais claramente nas idéias da doutrina voltadas para o aprimoramento integral do homem, conforme mostram os questionários e os próprios hinos que constituem a base material dos seus ensinamentos. No entanto, isso parece ficar a nível teórico, pois no seu cotidiano o que se constatou, através da pesquisa de campo, foi que as relações sociais de trabalho e convívio seguem os padrões mais conservadores de nossa sociedade, como o machismo,

costumes alimentares e a própria divisão de trabalho.

Sob a ótica da classificação proposta por Ricouer , em que as interpretações do tempo podem ser classificadas como subjetivas e objetivas, podemos ainda complementar esta conclusão dizendo que: a concepção de tempo para a doutrina, ora assume uma postura objetivista, quando reflete os pensamentos de Platão, Aristóteles e Kant, ; e ora subjetivista compactuando com as idéias de filósofos corroboradores desta tendência como Santo Agostinho, Pio tino, Bergson e Husserl.

Para concluir, espero que este trabalho possa contribuir no enriquecimento das pesquisas acadêmicas no campo específico dos estudos sobre o tempo na história e, no âmbito da história em geral. Esperamos ainda proporcionar àqueles que buscam uma vida alternativa nessa virada do milênio, especificamente aos doutrinários da comunidade do Santo Daime, uma melhor compreensão da concepção do tempo que os norteia.

ANEXOS

I : Hinos

VOU SEGUINDO"

I

Vou seguindo, eu vou seguindo
Cantando as minhas doutrinas
A Virgem Mãe é soberana
a minha Mãe que nos ensina

II

Vou seguindo, eu vou seguindo
Vamos ver se nós acerta
O caminho de Jesus Cristo
Aonde andou com seus profetas

III

Na casa da Virgem Mãe
De Jesus Cristo redentor
Cantamos manos cantamos
Consagrando este amor

IV

Na casa de Jesus Cristo
Ele mandou para nós cantar
Para louvar o Pai Eterno
É quem tem para nos dar

V

E quem tem para nos dar
Para mim com meus irmãos
É quem dá a todos nós
A Eterna Salvação

PUBLICAÇÃO

(Hino nº 13 - Alfredo Gregório de Melo)

I

Agora mesmo vou publicar para todos
O que a União vem procurando afirmar
Mas tudo isso depende muito do povo
Se realmente desejamos alcançar.

II

Oh. Virgem Mãe, eu quero estar ao vosso lado
Considerando todo este povo irmão
Que a doutrina do Divino nosso Pai
Há muito tempo foi entregue em vossas mãos.

III

Quando falo dessa força levo à lua
O pensamento procurando afirmar
Para tudo que foi dito para todos
Ter nossa Mãe e nosso Pai para provar

IV

A provação já é este julgamento
Quem muito fala, muito terá que provar
Que a ordem do Divino é muito séria
E não há outro que o possa desmanchar.

V

Os ensinamentos nos trazem conhecimento
Para todos nós sabermos como é
E a presença que agora o tempo traz
É do senhor e Senhora de Nazaré.

MENSAGEIRO

(Hino nº 18 de Maria Marques)

I

Eu sou um filho de Deus

Eu sou é um mensageiro
eu sou a luz iluminante
que ilumina o mundo inteiro

II

Eu sou é um mensageiro
Com a luz que Deus me dá
A luz é para nós todos
Aqueles que procurar

III

É preciso se trabalhar
fazer esforço de procurar
que nós temos a certeza
deste mundo se ausentar

IV

Vamos todos trabalhar
que nós vamos se apresentar
Perante ao nosso Pai
E os trabalhos a ele mostrar

“NOSSO MESTRE MANDOU O CONSELHO”

(Antônio Gomes)

I

Nosso Mestre mandou o conselho
Para mim receber
Mandou-me que eu publicasse
Para todos meus irmãos ver

II

Ele mandou me lembrar

E a todos meus irmãos
Que há muito tempo ele mandou
Guardar Deus no coração

III

A nossa mãe deu o aviso
Ao nosso mestre aqui na terra
Para ele nos prevenir
Que nós estamos dentro da Guerra

IV

O Nosso Mestre não se julga
Considera todos iguais
Ele manda que nós se firme
que ninguém sabe aonde vai.

V

Feliz de quem se conforme
Com que o Mestre está dizendo
Que o Divino é soberano
E sabe o que está fazendo.

MEU MESTRE ESTÁ COMIGO

(Padrinho Sebastião)

Meu mestre esta comigo
No mundo de ilusão
Dou viva ao Pai Eterno
A Jesus Cristo e a São João.

Aqui estou cantando
Prestando atenção
Dou viva a todos os seres
E à Virgem da Conceição

O Mestre que me ensina

Está no coração
Trabalho com amor
Para receber a salvação

O nome está mudado
Para não dar confusão
Mudou de Jesus Cristo
Agora é Juramidam

O brilho que vós tendes
É onde está o primor
Dou viva á nossa Mãe
Que é a mãe do Salvador.

**II - A FESTA DE SAO JOÃO NA MONTANHA DO
MATUTO-COMUNADO SANTO DAIME**

DIÁRIO DE CAMPO:

Ouro Preto, 23 /06 / 1994

- O CANTO NO CAMPO DA HISTÓRIA

(...)

São seis horas da manhã
Meu Irmão se mudou O
sono da eternidade Deus
no céu quem te chamou

São sete horas do dia
Meu irmão se mudou
O sono da eternidade
Deus no céu quem te chamou

São oito horas do dia
 Meu irmão se mudou
 O sono da eternidade
 Deus no céu
quem te chamou

São nove horas do dia
Meu irmão se mudou
O sono da eternidade
Deus no céu quem te chamou
(...) (SERRA, s/d, p. 19 -20)

As nove horas da manhã, após três horas de eterna espera e leitura dos hinos, chegou o carro com os "daimistas" de Ouro Preto, que me conduziram à comunidade do matutu, para o "Trabalho de São João"¹⁵.

Entreí no carro e começou um canto eterno dos Hinos. E, seguindo pela estrada real de Ouro Preto, mais uma vez : O canto invadiu a História; O tempo tornou-se mítico; A religião de ópio, tornou-se o Daime da Humanidade ; e como em um livro de contos de fadas sob os olhos de um cético,

agnóstico, o mito milenar foi adquirindo vida na História, com aquele cenário histórico e com aquela sonoplastia versegada e monótona.

Após cinco horas de viagem, começou a subida da montanha por um vale encantado. O mítico já não se encontrava no canto na História mas, em cada canto em que se avistava uma cachoeira, um gavião, um ipê florido, um raio de sol sob a montanha do leão, refletindo e avermelhando o bico do pico do papagaio.

Às quinze horas, chegamos a Comunidade do Matutu e uma fila de carros nos acompanhava. Todos vinham para o Trabalho de São João, vindos de vários lugares como Campinas, Rio de Janeiro, São Lourenço, Ouro Preto, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Seguro e outros.

Foram todos se alojarem e se prepararem para o Ritual marcado para às vinte e uma horas, na igreja da comuna.

O ALOJAMENTO - AS CASAS DA COMUNA

Alguns foram alojados nas casas dos membros da comuna, outros ficaram na Escolinha, outros em barracas e casinhas ainda em construção.

As casas geralmente eram sobrados, com cozinha , sala e banheiro na parte de baixo e os quartos na parte superior. Feitas de alvenaria e revestidas de madeira com janelas de vidros. Lembravam construções pré-

¹⁵ Denominação dada ao ritual do Santo Daime no dia 23/06 (dia de São João), em que as pessoas recebem o Ayuaska- Daime e bailam cantando os hinos- ou o Hinário: o Cruzeiro-do fundador da Doutrina, Padrinho irineu Serra, durante 12 horas.

fabricadas, chalézinhas de guinomos escondidas entre as árvores pois, se encontravam praticamente escondidas, com cachoeiras no fundo e com trilhas que as ligavam.

Muitas não se encontravam terminadas, com janelas de plásticos, sem luz,

água, banheiros, outras, pelo contrário se encontravam muito bem equipadas de aparelhos eletrônicos, TV, vídeo, som , entre outros.

Após todos se alojarem, começaram os preparativos para o Ritual ;uns foram se banhar em banheiros com chuveiro e água quente, outros, -os desprivilegiados- em cachoeiras congelantes, vestindo-se todos de branco e subindo em direção a igreja.

Lá de cima, junto a igreja, pode se observar aquele espetáculo de vários pontos brancos, surgindo de todos os lados, subindo aquela montanha , iluminados somente pelo brilho da lua e das estrelas.

Às vinte e uma horas, após breves cumprimentos entre os visitantes e os membros, iniciou-se o ritual ou o Trabalho de São João.

O RITUAL :

- O TRABALHO DE SÃO JOÃO -

Quase todas as pessoas, estavam vestidas de branco; os homens e meninos fardados¹⁶, vestindo um terno branco e, as mulheres e meninas, também fardadas, com camisas brancas de manga longa e saias de cor azul ou brancas, longas, rodadas e quase sempre pregueadas.

As pessoas foram entrando e se colocando em seus lugares, dispondo-se na seguinte ordem : homens à esquerda e mulheres à direita ; estes dois

¹⁶ Farda é a denominação utilizada para designar o "uniforme" utilizado pelos membros durante os trabalhos ou rituais da doutrina.

grupos se dividem em três sub-grupos : os indivíduos casados, os solteiros e as crianças e adolescentes "virgens", estando os fardados na frente e os demais em ordem decrescente de altura.

O "padrinho" Guilherme, dono das terras do Matutu, inicia o "trabalho" rezando um terço e pedindo a "Luz" ao Daime : "Daime a Luz".

Após as orações, formaram-se duas filas (feminina/masculina), e como uma comunhão católica, o Daime (um copo da bebida) foi distribuído para todas as pessoas.

Começaram a cantar o Hinário : O Cruzeiro, do "padrinho" Irineu Serra, fundador da doutrina. Após umas duas horas, a "Luz" ou a "Força" (como eles dizem), começou a manifestar-se. Algumas pessoas desmaiavam, outras saíam da igreja para "limparem-se de seus pecados " através do vômito ou da defecação. Outros, porém, permaneciam ali bailando (dois passinhos para lá, dois passinhos para cá) e cantando sem parar.

O Daime foi servido novamente e tudo continuou no mesmo ritmo.

Particpei de todo o ritual. Tomei o Daime, cantei os hinos e bailei como um membro da doutrina. Senti a "Força", , encontrando-me mais sensível para perceber a miração¹⁷ do mito milenar presente na História. Tudo era muito lindo sob o olhar de um antropólogo, tudo era muito deprimente sob o olhar de um historiador, tudo era muito " inconsciente coletivo" sob o olhar de um Junguiano, tudo era muito intrigante sob o olhar de um psicólogo, tudo era muito claro sob meus olhos.

Após umas seis horas de "trabalho", foi concedido um intervalo, durante o qual as pessoas aproveitaram para se conhecerem ou para

¹⁷ Termo utilizado para designar as visões proporcionadas pela bebida

descansarem em uma barraca qualquer, para ficarem perto do fogo, em frente a fogueira, naquela noite fria.

Uma hora após, começou tudo de novo. O Daime foi servido, o canto dos hinos e o seu bailado se iniciaram. E com uma maior intensidade a "força" se manifestou; muitos não se aguentavam mais, outros dormiam nas cadeiras

e eram acordados pelos fiscais¹⁸, de tempo em tempo.

Alguns que tentavam se refugiar fora da igreja, eram também convidados a entrar novamente, sendo avisado pelos fiscais de que a ausência causaria a quebra da corrente energética e isso interferiria na finalização do trabalho.

O Daime foi servido mais uma vez e colocado à vontade para aqueles que desejassem mais. Muitos não aguentavam mais. Mas, incentivados a participarem da última distribuição, acabavam entrando na fila.

As oito horas, mais ou menos, o trabalho estava terminando. Foram cantados os últimos hinos e, com todos reunidos, o "padrinho" Guilherme rezou algumas Ave-Maria e alguns Pai-Nosso, fechando o trabalho de São João.

Chegou o momento de descontração e todos se cumprimentaram, alguns foram dormir, outros para as cachoeiras, outros para a cozinha para preparar o café para a comuna e assim as pessoas foram se separando.

Fui me recolher e descansar. Acordei para o almoço comunitário durante o qual fiz alguns contatos com os professores e crianças da comuna. Foi difícil conduzir o momento para entrevistas mas, algumas pessoas se ofereceram para responder algumas questões através de um

¹⁸ São os membros- fardados ou batizados na doutrina que tem por obrigação auxiliar, conduzir, vigiar as pessoas que se desviam do trabalho, ou necessitam de ajuda.
questionário , durante a próxima semana , enviando-me quando respondidos.

Durante a noite do dia 24/06, participei de um encontro na casa de um dos membros da comuna¹⁹ , onde se encontravam as pessoas de Ouro Preto.

Em meio às conversas, pude notar a valorização ou o questionamento de uma Educação (tanto no sentido pedagógico, como moral) para o homem

do nosso tempo de final de milênio, em que um dos membros lembrava os dizeres de Krishina : "quem tem a educação é quem tem o poder". Falaram também sobre o sentido do "trabalho" e das "limpezas" ocorridas, vangloriando-se em alguns momentos de seus vômitos e "humilhações" perante as outras pessoas.

Ao amanhecer do dia 25/06, às 5:30 da madrugada, subi para o refeitório comunitário, para junto com os membros tomar o café da manhã e dar início as entrevistas do trabalho de campo.

Conversando com "padrinho" Guilherme, dono das terras da comuna, ele me pediu para falarmos em um outro momento pois, havia uma fila de pessoas e afazeres , sendo impossível dar-me atenção devida. Assim fui fazer algumas visitas aos outros moradores. Porém, todos se encontravam em clima de festa e a pesquisa adquiriu um caráter mais informal e por isso mais qualitativo das informações.

O almoço foi servido para apenas 68 pessoas, observando que os demais, almoçavam em suas respectivas casas. Após o almoço participei de

¹⁹ A casa era de uma Francesa chamada Carol, a qual parecia ser uma "representante" ou vendedora dos produtos artesanais da comuna no exterior.

uma "consagração" da Santa Maria²⁰ e fui conhecer as maravilhas naturais do local, como também suas construções.

DESCRIÇÃO DO LOCAL -

No topo da montanha encontrava-se a residência do "padrinho" Guilherme. Uma linda casa, estilo a "sede" da comuna, muito bem montada e zelada. Acima da casa, encontrava-se o túmulo de Kênia, ex-mulher de

Guilherme, a qual era considerada como a força feminina da montanha, tornando o local onde se encontrava enterrada um lugar sagrado, encantado pelas flores que ali eram semeadas e cuidadas pelas mulheres (principalmente) de comuna.

Descendo a montanha, iam aparecendo as casinhas, barracas, alojamentos (com mais ou menos 3 quartos) feminino e masculino, improvisados com tábuas, troncos de árvores e plásticos nas janelas, que alojavam alguns membros que ainda não possuíam condições para comprarem o terreno e conseqüentemente construírem suas casas.

Um pouco mais abaixo, estava a Igreja. Um templo circular, um galpão estruturado por troncos e vidros. Havia um altar no fundo (central) com um quadro de São Miguel (anjo guerreiro com uma espada sobre o demônio) , um crucifixo com dois braços, simbolizando a segunda vinda de Cristo ; havia ainda velas, um copo de água, flores, incensos e uns cinco garrações de vinho, onde se encontrava o Santo Daime, cercado por alguns copos pequenos.

Nas laterais desse altar, encontravam-se os vestuários, estando o

20 Santa Maria é o nome dado a Maria Juanna ou Maconha, que na doutrina é considerada como uma erva sagrada, que antes de fumá-la é necessário rezar e consagrá-la. É relevante também notar que a "Santa Maria" não é muito liberada para as Mulheres, sendo esta uma reclamação das próprias moradoras, ficando restrita aos homens que a consagram ,geralmente, quando estão na Mata após o café da manhã e almoço.

feminino à direita com um espaço maior onde se encontrava alguns colchõezinhos para as crianças menores descansarem, se necessário, em alguns trabalhos; e o masculino à esquerda.

Encostados nas paredes das laterais, estavam alguns bancos, longos e de madeira.

No centro da Igreja encontrava-se mais uma mesa pequena, com uma toalha branca, onde se encontrava uma foto do "padrinho" Irineu, alguns

Seguindo para o lado esquerdo da escolinha, encontrava-se a cozinha e a dispensa (um barracão de madeira, com prateleiras onde se encontrava alimentos como arroz integral, macarrão branco, pó de café, açúcar cristal, caixinhas de chá, farinha de trigo branca, entre outros; panelas enormes e demais utensílios de cozinha; possuía também um enorme fogão de lenha e um industrial; uma pia improvisada com um cano e uma torneira com um espaço de madeira destinado ao escorredor de louças; em um canto encontrava-se uma mesinha com uma garrafa de café e outros utilitários de cozinha.

Próximo a cozinha, estava localizado o refeitório, onde se servia às 6:00hs o café da manhã, às 12:00 o almoço e as 18:00 o jantar. O refeitório também se encontrava em construção, porém, funcionava perfeitamente com uma pequena pia onde cada um lavava seu copo ou prato colocando-os no escorredor que se encontrava ao lado. Havia ali também uma mesa, onde se colocava as enormes panelas com Comida, que era servida pelo responsável do dia pelo almoço ; e mais duas mesas enormes com dois bancos longos acompanhado cada uma.

E relevante notar, o belíssimo local escolhido para o refeitório, onde durante as horas das refeições os membros tinham o prazer de contemplar o nascer e o pôr do sol, pois a mesa ficava na mesma direção ou altura da montanha do leão , onde se dava tal espetáculo.

Entre a cozinha e o refeitório encontrava-se um relógio de sol e um sino (um tampão de cobre enorme e um ferro para tocá-lo) que era tocado às 5:30 para acordar os membros para o trabalho, às 6:00 hs para chamar para o café; às 12:00 hs para o almoço e às 18:00 hs para o encerramento dos

trabalhos e jantar. Era também tocado para anunciar os rituais.

Após esta viagem pela montanha, conhecendo e descrevendo a comuna, fui preparar-me para assistir um teatro preparado pelas crianças do matutu, para o dia de São João. O banho de cachoeira foi inevitável, pois onde me encontrava não havia chuveiro. Com o frio da montanha, foi também inevitável a febre, obrigando-me a perder a festa. Contudo, me contaram que o teatro trazia a mensagem da Nova Era anunciada por São João.

No dia seguinte, ao amanhecer, tomei o café comunitário, tirei algumas fotos das pessoas e do local e fui despedir-me do "padrinho" uilherme, de sua família, e demais membros da comuna, agradecendo pela recepção e auxílio para meu estudo. Em seguida, voltei com os ouro-pretanos para uma outra realidade histórica, na qual também, o passado e o futuro permaneciam presente.

Maria Fernanda Noronha Serpa

27/ 07/94

VII - BIBLIOGRAFIA

ABBAGANANO, Nicola, História da Filosofia, v-III, Lisboa: Presença, 1094.

ALBERONI, Francisco. GÉNESE : Como se criam os mitos , os valores e as instituições da Civilização Ocidental, RJ: Rocco,1991.

ALVERGA, Alex Polari. O Guia da Floresta. Petrópolis: Vozes, 1992.

APOCALIPSE, Bíblia Sagrada. SP : Ed. Paulinas, 1978.

BLOCH, Marc. A Sociedade Feldal, Lisboa : Edições 70, s/d.

BOSI, Alfredo. " O tempo e os tempos " , in: Tempo e História. SP: Companhia das Letras, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação. SP : Brasiliense, 1981.

_____. A Pesquisa Participante. SP : 1984.

_____. Repensando a Pesquisa Participante. S.P:
Brasiliense, 1987.

BRAUDEL, fernand. Escritos Sobre a História. SP: Perspectiva, 1978.

CALVINO, Ítalo. Seis Propostas para o Próximo Milénio ,SP : Companhia das Letras, 1993.

CARVALHO, Silvia M. S. ; MENEDES, Miguel. "Os Povos da Floresta e o Santo Daime" in: Terra Indígena, Araraquara : Centro de Estudos Indígenas - UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, ano VII, nº 56/57, 1990.

CHATELET, Francois. História da Filosofia, Idéias, Dou trinas, In: A Filosofia Medieval ,v - 2, RJ : Zahar ,1974.

COHN, Norman. Na Senda do Milénio: Milenaristas revolucionários e

Anarquias Mitiços da Idade Média, Lisboa : 1981.

COOMBS, Philip H. A Crise Mundial da Educação, SP : Perspectiva, 1976.

CUNHA, Geovânia Corrêa Barros. O Império do Beija-Flor, Acre: Fundação Narciso Mendes, 1986.

DARBO-PESHANSKI, Catherine " Os tempos da história ", in: Tempo e História. SP : Companhia das Letras, 1992.

DEUSS, Raymond. Teoria crítica Habermas e a Escola de Frankfurt, Campinas : Papyrus, 1988.

DUBY, Georges .A Europa na Idade Média, SP : Fontes, 1984.

_____. O Ano Mil, Lisboa: Edições 70, 1967.

DUPRONT, Alphonse. " Antropologia Religiosa ", in: História: Novas Abordagens, RJ: F. Alves, 1976.

DURANT, Will "A Idade da Fé - A História da Civilização Medieval de Constantino a Dante (1.325 a 1300 dC)". In:A História da civilização - v 4 , RJ: Record, 1993.

EINSTEIN, Albert. Como Vejo o Mundo, R.J. : Nova Fronteira, 1981.

_____. Théorie de la Relativité restreinte et Generalisée, Paris: Gauthier- Villars, 1921.

ELIADE, Mircea. Imagens e Símbolos - Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso, SP: Martins Fontes, 1991.

_____. O Mito do Eterno Retorno. Lisboa: Edições 70, 1978.

FRANCO Júnior, Hilário. As Utopias Medievais. SP : brasiliense, 1992.

HEERS, Jacques. História Medieval, SP : Fontes, 1984.

JULIA, Dominique "História Religiosa" , in: História Novas Abordagens, RJ : F. Alves, 1976.

KAHN,Herman; WEBER,J. Anthony. O Ano 2000, SP: USP,1968.

LE COMPTE D, M. y GOETZ J. P. Etnografía v Diseño Cualitativo en Investigación Educativa. Madrid : Morata, 1988.

LE GOFF, Jacques. "Escatologia", in: Enciclopédia Einaudi, RJ: Nacional, 1984, v -12.

_____. Idades Míticas " in:Enciclopédia Einaudi, RJ: Nacional, 1984, v - 12.

_____. "Passado Presente" in:Enciclopédia Einaudi. RJ: Nacional, 1987, v~12

_____. A Civilização do Ocidente Medieval. Lisboa: Estampa, 1983.

LOYS, Henri. R. Dicionário da Idade Média. RJ: Zahar, 1991.

KANT, Immanuel. Crítica de La Razon Pura, México: Alfaguara, 1978.

MONROE, Paul. História da Educação, SP : Ed. Nacional, 1988.

MORA, José Ferrater. Diccionario de filosofia de bolsillo, Madrid: Alianza, 1992.

NEWTON, Isaac. Princípios Matemáticos de La Filosofia Natural, Editora Nacional, Madrid, 1982.

NOVAES, Adauto. " Sobre Tempo e História" , ta: Tempo e História. SP: Companhia das Letras, 1992.

OSHO. O Novo Homem : A única Esperança de Futuro. S.P. : Gente, 1988.

PATARRO, Germano. "O tempo cristão", in: As Culturas e o Tempo. Petrópolis: Vozes, 1975.

PILETTI, Nelson e Cláudio. Filosofia e História da Educação. RJ: Zahar, 1972.

REDDEN, John D.; RIAN, D. Francis. A Filosofia da Educação, SP ;RJ;MG: Agir, 1956.

REIS, José Carlos . NOUVELLE HISTOIRE E TEMPO HISTÓRICO - A Contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. SP : 1994.

_____ . Tempo, História e Evasão. SP: Papyrus, 1994.

RUSSELL, Bertrand. "História da Filosofia Ocidental", in: Obras Filosóficas. SP : Nacional, 1969.

SANTOS, Laymert Garcia dos "O tempo mítico hoje", in: Tempo e História. SP : Companhia das Letras, 1992

SCHWARTZ, Hillel. Fim do Século, SP, Cultura : 1992.

SERRA, Irineu. O Cruzeiro - Hinário. Belo Horizonte, s/ed., s/d.

TAVARES, Carlos. O que são Comunidades Alternativas, SP: Brasiliense, 1983.

THIOLLENTE, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. SP: Cortez, 1992

WEIL, Pierre. Organização e Técnicas para o Terceiro Milênio - A Nova Cultura Organizacional Holística, RJ : Rosa dos Tempos, 1991.

WHITROW, G.J. O Tempo na História - Concepções sobre o tempo da Pré-História aos Nossos Dias, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.